



مکتوب



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO**

TURMA 3 - 2020/2022

O QUE HERDEI E ESCOLHI CARREGAR?

Renata Facury Farias da Silva

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO:

PROFa DRa HONORIS CAUSA EDITH DERDYK

DIREÇÃO GERAL D'A CASA TOMBADA:

PROFa DRa ÂNGELA CASTELO BRANCO

TEIXEIRA PROFo DRo GIULIANO TIERNO DE SIQUEIRA

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus antepassados por me deixarem de herança traços do que sou hoje. Agradeço a minha mãe Lilian, por me fazer ver que o caminho de uma mulher na trajetória de vida, não precisa ser o que está definido por uma sociedade, e sim pelo que desejamos ser. Agradeço às minhas filhas, Victoria e Valentina, por me fazerem enxergar outros presentes possíveis.

Agradeço aos meus leitores **Antônio Francisco da Silva Junior** e **Lígia de Moura Borges**, amigos queridos e tão sábios, que, nem sei se eles sabem disso, mas me mostraram outras formas de estar no mundo e de me relacionar com os outros.

Agradeço aos meus colegas que participaram dessa jornada comigo durante todo o curso, Eraldo, Fernanda, Érica, Camila e Nicolau. Um grupo pequeno mas com muitas trocas e generosidades. Especialmente ao Eraldo que me presenteou com um lindo diálogo ficcional entre minha mãe e minhas avós.

Por fim agradeço a **Edith Derdyk** por me abrir um mundo cheio de passos, paisagens, olhares, contextos, vislumbres, perspectivas, experiências.

RESUMO

Falo sobre minha ancestralidade e tudo o que ela carrega. O paternalismo arraigado, vindo de uma cultura árabe, em que as mulheres viviam submissas e resignadas. Dentro desta cultura, o feitiço da “coalhada”, alimento característico, sobrevive ao tempo e marca gerações que se desenvolvem e se transformam na forma de pensar e viver. O entrelaçamento entre a tradição e a mutabilidade que percorre as gerações se dá entre este alimento e pessoas.

PALAVRAS-CHAVES

Ancestralidade, mulheres, feminino, alimento, família, fotografia, lembranças, patriarcado, cultura, cultura matrística, gerações

ABSTRACT

I talk about my ancestry and everything it carries. The ingrained paternalism, coming from an Arab culture, in which women lived submissive and resigned. Within this culture, the shape of “curds”, a characteristic food, survives time and marks generations that develop and transform themselves in the way of thinking and living. The intertwining between tradition and mutability that runs through generations takes place between this food and people.

KEYWORDS

Ancestry, women, feminine, food, family, photography, memories, patriarchy, culture, matristic culture, generations

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

O QUE HERDEI E ESCOLHI CARREGAR

- VÍDEO - ESCRITAS, RISCOS, TRAÇOS, TRAÇADOS

PARTE I - QUEM SOU EU / QUE CAMINHANTE SOU

- VÍDEO - O CORPO QUE HABITO
- VÍDEO - OLHARES
- FOTOGRAFIAS
- ÁRVORE GENEALÓGICA
- AS MULHERES

PARTE II - UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA

- ÁUDIO - ENTREVISTA COM MEU AVÔ RAMEZ ARRADI
- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA
- VÍDEO - PRESSÃO
- VÍDEO: QUE SUA MESA SEJA SEMPRE FARTA
- MAKTUB / FOTOS
- VÍDEO - CAFÉ SANTO

PARTE III - A MANUTENÇÃO DA CULTURA VIVA - A COALHADA COMO MENIR

- NOSSA ANCESTRALIDADE SE REVERBERA NOS CAMINHOS QUE TRAÇAMOS E NA FORMA COMO RISCAMOS O CHÃO PELOS QUAIS PASSAMOS?
- O MENIR
- FOTO DA RECEITA DA COALHADA
- VÍDEO - O FEITIO DA COALHADA

PARTE IV - GERAÇÕES

- DESENVOLVIMENTO DA CULTURA PATRIARCAL
- HERANÇAS

BIBLIOGRAFIA

MULHERES INSPIRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Relicário. Fonte: Composição da autora



O QUE HERDEI E ESCOLHI CARREGAR?



Figura 2: Colar de pérolas. Fonte: Acervo pessoal da autora

PREFÁCIO

Minha escrita faz parte de um conjunto de experiências entrelaçadas entre minha jornada pessoal, familiar e histórica e o percurso de pesquisas, aprendizados e insights que se deram durante a pós.

Esta combinação me colocou frente a um espelho no qual me vi e percebi a necessidade de narrar a mim mesma.

O grupo que se configurou nesta versão da pós se viu quase que totalmente por entre as telas e janelas do computador. No momento em que tivemos a chance do encontro presencial, os laços se firmaram. No final do ano fizemos um amigo secreto em que cada um deveria dar ao seu amigo algo que contribuísse com sua escrita. Eraldo me tirou e com sua leitura cuidadosa e sensível, me presenteou com este lindo diálogo ficcional entre minha tataravó Tishina, minha bisavó Lídia, minha avó Cláudia e minha mãe Lilian.

“O relato de outros viajantes poucos fatos me oferecem a respeito da viagem: todas as informações são terrivelmente incompletas.”¹

¹LINSPECTOR, Clarice – A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. p. 18..

Claudia: Lilian, minha amada. Bem-vinda!

Tishina: Sente-se conosco.

Lídia: Traz novidades?

Lilian: Sim, minha filha Renata está estudando os caminhos percorridos pelas mulheres de nossa família.

Tishina: Caminho longo.

Claudia: Ela ainda possui a receita da coalhada?

Lilian: Sim.

Lídia: Muito bem, onde existir a coalhada, nossa história continuará viva.

Lilian: Sim, deixei também alguns de nossos objetos com ela.

Tishina: Alguns dos meus objetos resistiram ao tempo?

Claudia: Confesso que não sei distinguir entre os objetos de Lídia e Tishina.

Tishina: Os meus são poucos, tive que fazer escolhas do que levar comigo.

Lilian: Trishina, eu confio em suas escolhas.

Tishina: Foram tempos difíceis. O que vocês levariam em uma caminhada sem destino e sem regresso ao ponto de partida?

Claudia: Pequenos objetos que caibam nas memórias afetivas.

Tishina: Bom Claudia, as memórias afetivas salvam os momentos de dura realidade. E vocês Lilian e Lídia?

Lilian: As palavras para serem escritas.

Lídia: Objetos que conectam pessoas.

Lilian: Aqui onde estamos, tem algumas daquelas toalhas rendadas?

Claudia: Imagine, por aqui só conversamos e não preparamos os alimentos.

Lilian: Sinto falta das conversas e das risadas ao preparar os alimentos.

Lídia: Aqui conversamos por conversar.

Tishina: Quando estamos reunidos na mesa e comendo, podemos esquecer os caminhos sofridos.

Lídia: Juntas somos responsáveis pelos momentos alegres de nossa família.

Claudia: Amo preparar alegrias.

Lídia: Como vocês continuaram preparando alegrias?

Lídia: Jasmim por toda parte da casa.

Claudia: Escolhendo as louças para cada refeição.

Lilian: Lindas louças. Agora Renata cuida de sua linda família de diferentes formas.

Tishina: Como esse amor é?

Lilian: Assim como todas as mulheres de nossa família, abraçando todos com esforço, afeto e vencendo as batalhas do cotidiano. Uma professora de música.

Claudia: Ensinar é uma dádiva!

Lídia: Uma bonita escolha de vida.

Lilian: Se vocês pudessem escolher o destino antes de caminhar, o que teriam escolhido?

Tishima, Lídia e Claudia: Maktub

Tishina: Nada, tudo que vivi foi para aprender e evoluir.

Lídia: Talvez professora, gosto de ensinar, porém, me sinto realizada.

Claudia: Você se sente realizada porque todas as mulheres de nossa família passavam os conhecimentos.

Lilian: E aprendiam.

Lídia: Adoramos inventar.

Tishina: Quantas coisas tive que reinventar, o caminho me fez uma grande inventora.

Claudia: O que vocês apreenderam com todo o caminho?

Tishina: Proteger

Lídia: Cuidar.

Lilian: Amar.

Tishina: Lilian, aqui não precisa ser um humano e pode escolher ser o pássaro que quiser.

Claudia: Voe para onde quiser.

Lídia: E descanse suas asas quando quiser.

Lilian: Não me sinto cansada, sem sei se quero voar.

Tishina: Com tempo, você descobrirá as gaiolas em que habitou.

Lídia e Cláudia: Bons vôos!!



Figura 3:
Sacramentário e
Oração Salve
Rainha. Fonte:
Fotos e
Composição da
autorora

de sua mãe e roguem a Deus, por êles honrando a sua memária com as suas virtudes. Terna Mãe, tornai-os piedosos, caritativos e sempre bons cristãos; para que a sua vida cheia de boas obras, seja coroada por uma santa morte. Fazei, ó Maria, com que um dia nos achemos reunidos no céu, e ali possamos contemplar a vossa glória, celebrar os vossos benefícios, gozar do vosso amor e louvar eternamente a vosso amado Filho, Jesus Cristo, Senhor nosso. Amem.

SALVE RAINHA

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva; a vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, êsses vossos alhos misericordiosos a nós valvei; e depois, dêste desterro mostrai-nos a Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ô clemente, ô piedosa, ô doce sempre Virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amem.

Figura 4: Foto de família. Fonte: Acervo pessoal da autora



ESCRITAS, RISCOS, TRAÇOS, TRAÇADOS

<https://www.youtube.com/watch?v=ZOMvrT5Gh9Y>

Fonte: Vídeo de autoria da autora



PARTE I - QUEM SOU EU / QUE CAMINHANTE SOU

Meu processo dentro da pós foi permeado pela morte. Primeiro a morte de meu pai, o que gerou a pausa que fiz com o grupo em 2019.

O tempo passou, fomos assolados pela pandemia e retomei a pós, que pelo fato de estar online possibilitou minha volta.

Mas minha mãe, que já estava adoecida durante o processo de doença do meu pai, piorou significativamente durante todo o período de 2020 até julho de 2021, quando se deu sua morte física.

Novamente processo de doença e morte.

Cuidei dela, mantive-me o mais próxima possível.

Desta vez não desisti do curso. Ao contrário, foi o meu respiro.

Não era mais possível separar o que eu vivia dentro da pós, as relações que fazia entre minhas leituras, reflexões, e debates, com minha própria vida e inquietações.

Durante o processo de estudos percebi que a caminhada se dá em todos os sentidos, por meio de nossos pés que pisa o chão, que sente suas texturas, que sobe e desce morros, que cai em buracos ou pula por cima. Pelas mãos que tocam o ar, folhas, troncos de árvores, cimentos. pelos encontros que se dão com coisas, pessoas, pensamentos. pelos ouvidos que escutam sons de vozes, de motores, de naturezas, de ruídos. pelos olhos que tudo vê e muitas vezes não percebe, não fixa, não sente.

Durante todo o processo me sensibilizei a perceber os pormenores, as sutilezas, as grandezas e pequenezas, os assombros do novo e do velho.

Esta combinação de experiências vividas na pós e na rotina do dia a dia criou uma paisagem dentro de mim, minha própria paisagem que me define, que me provoca e me faz traçar novos percursos dentro de uma mesma paisagem. Uma paisagem subjetiva, já que se refere ao “Eu” que foi sendo construída, desde minha filiação e a introjeção em meu DNA, até a percepção de como tudo isso reverbera em mim. É a percepção de uma caminhada no tempo de minha história biográfica. O desenho da paisagem está em minha pele que me reveste e que se mostra como um quadro.

Minha pele.

Durante os dois anos da pós fui entendendo a minha caminhada, me percebendo e sabendo como colocar coisas sentidas em palavras. Cada experiência vivida nestes dois anos, me abriu janelas e olhares profundos do que eu já vivia, mas não era capaz de colocar em palavras. Palavras que surgiram e se tornaram a narrativa de mim mesma.

Visitei meu caderno que nasceu no processo de estudo, me acompanhou durante todo o percurso e agora, aqui em minhas mãos, finalizou comigo esta trajetória trazendo à tona riscos e traços que incrementaram minha escrita com os significados que precisei.

Me expresso por meio de um diálogo que permeia o reflexivo e o poético. Converso comigo mesma e com autores que corroboram com meus pensamentos. permeio a narrativa entre a escrita reflexiva (letra normal) e a escrita poética (letra itálica).

Existem ... “claros paralelos entre o fluxo da narrativa do ato de contar uma história e o passo firme do caminhante ou do andarilho enquanto se desloca de um lugar para outro: Assim, contar uma história é relatar, numa narrativa, as ocorrências do passado, percorrendo novamente um caminho por um mundo em que outras pessoas, tomando recursivamente os fios de vidas passadas, podem seguir no processo de fiar-se (...) na história, como na vida, sempre se pode ir mais além. E na narração de uma história, como também na caminhada, é no movimento de um lugar para outro - ou de um tópico para outro - que o conhecimento se integra.”²

²COVERLEY, Merlin - A arte de caminhar: o escritor como caminhante; São Paulo: Martins Fontes. p. 13, 14.

O CORPO QUE HABITO

<https://www.youtube.com/watch?v=MYBQ6JGbgY>

Fonte: Video de autoria da autora



Sou caminhante ***“do tempo”*** e ***“no tempo”***...

Do tempo que passou, que é, que passará.

No tempo de agora, já, instante. Efêmero presente que será, que é, que foi.

Sou a caminhante que gosta de observar as histórias. Histórias vividas, histórias vistas, histórias ouvidas. Minhas histórias, histórias dos outros.

Sempre fui silenciosa, na fala, mas não na escuta. Observava e imaginava, todos os mundos que cada pessoa era capaz de carregar. Diferenças, semelhanças.

Onde eu me encaixava nesses mundos?

Ou não me encaixava?!

O meu método de caminhar pelas horas dos dias era o de ver, observar, escutar, vislumbrar.

Quantas vezes eu quis ser o outro, ser o que não era, ser o que não daria para ser.

E observando o outro fui aprendendo a me ver.

Me enxergar e me entender

De forma silenciosa fui aprendendo a falar

A ser

Hoje sinto, pressinto, e me guardo.

Me guardo de não ser quem não sou

E é sobre isso minha voz

Sobre quem sou dentro de limites tão estreitos, barreiras tão definidas e que merecem ser quebradas.

Fronteiras avançadas.

Durante toda minha vida, fui uma caminhante no sentido literal da palavra. Sempre optei por ir a pé, por fazer longuíssimas caminhadas, virei corredora profissional de montanhas, dificilmente opto por andar de carro ou transporte público quando posso caminhar.

E é no momento do “andar a pé” ou mesmo “correr”, que minha mente se liberta.

LIBERDADE!

Parafraseando Ingold, reflito: “Em que difere o observar do caminhar pela paisagem? Em nada. Caminhar é viajar pelo tempo tanto quanto na paisagem: é uma prática profundamente meditativa. E observar é viajar no tempo tanto quanto na mente. Longe de serem rigidamente separados, há um constante trânsito entre terrenos, mental e material, pela porta dos sentidos”³

Quando penso minha trajetória no tempo, espaço, entrelaçado por coisas, fatos, pessoas, percebo que, apesar de sentir a solidão, nunca estive sozinha.

Solidão que foi pano de fundo para meu devir.

Habitei dois mundos que coexistiram e coexistem. Dois contextos, o “Eu”, em busca de mim mesma e “a Outra”, todo o resto.

³Leia-se a frase original: “Caminhar é viajar na mente tanto quanto na paisagem: é uma prática profundamente meditativa. E ler é viajar na página tanto quanto na mente. Longe de serem rigidamente separados, há um constante trânsito entre terrenos, mental e material, pela porta dos sentidos” (COVERLEY, Merlin - A arte de caminhar: o escritor como caminhante; São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 178.

Estou viva, e conforme envelheço, percebo...

Sou alguém com marcas,

na pele que escorre para dentro.

Carrego informações coletadas pelas andanças,

Sou alguém impregnada pelo DNA.

Não ignoro meu DNA, reflexo direto de meus antepassados.

Vou olhar para eles e para tanto preciso olhar para minha família e suas histórias.

Minha narrativa: olhar para o passado, se perceber no presente, vislumbrar um possível futuro, tecendo tramas que vão e voltam no tempo, descortinando possibilidades.

“Gibson perguntou como é possível perceber as coisas no ambiente. Mas Merleau-Ponty deu um passo atrás, e perguntou que tipo de envolvimento do percebedor do mundo da vida é necessário para que haja no ambiente coisas para se perceber, e seres para percebê-las (INGOLD, 2000a: 263). Para encurtar uma longa história, sua conclusão foi que, uma vez que o corpo vivo está, primordial e irrevogavelmente costurado no tecido do mundo, nossa percepção do mundo não é nem mais nem menos do que a percepção do mundo de si mesmo - em e através de nós. Essa é apenas mais uma maneira de dizer que o mundo habitado é senciente. Não é possível, sugeriu Merleaus-Ponty, ser senciente em um mundo insenciente, ou seja, em um mundo que virou as costas para os seus habitantes, expondo apenas suas superfícies externas, rígidas ao escrutínio perceptual (...) Ser senciente, ao contrário, é abrir-se a um mundo, render-se ao seu abraço, e ressoar em seu interior e suas iluminações e reverberações. Banhado na luz, submerso no som e arrebatado em sentimento, o corpo senciente, ao mesmo tempo percebedor e produtor, traça caminhos do devir do mundo no curso mesmo da contribuição para a sua contínua renovação.”⁴

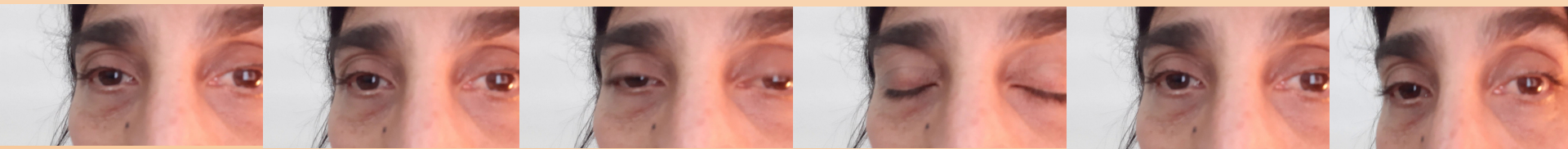
⁴INGOLD, Tim - Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 38

OLHARES

https://www.youtube.com/watch?v=W1S_ucLLhPM

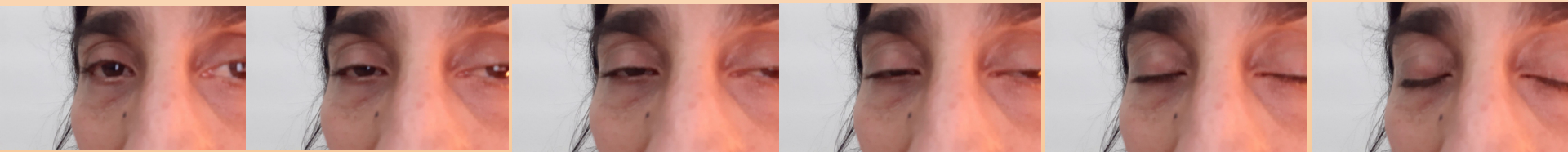
Fonte: Vídeo do acervo pessoal da autora

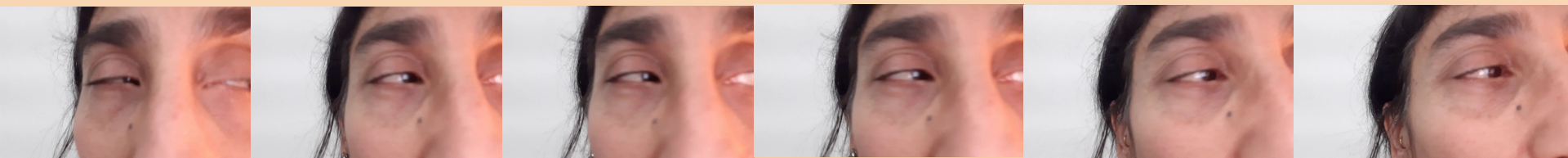












Figuras 5, 6, 7, 8 e 9: “Olhares”. Fonte: Compilação de autoria da autora

"Mas é que basta silenciar para só enxergar abaixo de todas as realidades,

a única redutível, a da existência.”⁵

⁵LINSPECTOR, Clarice - Perto do coração selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2019. p. 20.

Fotografias

Quando minha mãe faleceu, encontrei uma grande caixa de fotografias em meio a seus pertences.

Olhar para aquelas fotos antigas despertou minha memória, algumas eram borrões outras vivas como se tivessem acontecido ontem.

Me vi em volta de pequenos fragmentos de lembranças que sei que, em parte, constroem o “Eu-Renata”.

Entendi meu processo de viver a morte como processo de vida,

Processo de vida como processo de memórias,

Memórias que são lembranças

Lembranças que são afetos

Afetos

Meu trajeto aqui será o de desvendar o caminho de gerações de mulheres dentro de uma família essencialmente árabe⁶, machista, ficada na cultura patriarcal.

Me pergunto quem sou eu neste lugar de nascimento, o que herdei de meus antepassados femininos e masculinos, o que aceitei como meu e absorvi em meu corpo, mente, coração e alma.

O que não quis aceitar como meu, ou, como “Eu”.

Me debruço sobre as diversas gerações de mulheres que percorreram no tempo móvel, devastador em suas nuances de diferenciação entre o ontem e o hoje, conduzidos por um alimento marcante da cultura, fio condutor de toda a narrativa já que une gerações, forte como preservação de uma cultura, emblemática por sua resistência e imutabilidade.

⁶ Não conheço outras possíveis descendências por parte da família de minha mãe - me guio pela árvore genealógica desenhada por meu avô.

Este alimento/símbolo é a coalhada. Ela sobrevoa o tempo e todas as mudanças geracionais quando se mantém por uma única “muda”⁷, ou pode-se dizer, “raíz” que é a química necessária para que ele, o alimento chamado “coalhada”, renasça a cada vez que é feita.

Sobrevive “ao tempo” e “no tempo”, tornando-se atemporal, alinhava gerações que, apesar de preservar o alimento, se transformam no cotidiano, no pensar e no ser.

Em uma conversa comigo mesma, com meus antepassados e com diversos autores que permearam minhas leituras, vou costurando ideias, impressões, observações.

Convido-os para um café.

⁷A muda da coalhada é uma pequena porção da própria coalhada, coada para que solte todo o soro e fique bem seca. Esta porção de coalhada, quando misturada ao leite aferventado, coalha este leite e desta forma, se inicia a transformação do leite em coalhada. E a cada vez que se tira a pequena porção da coalhada para se fazer a nova, fazemos com que a muda sobreviva, dentro deste ciclo coalhada / muda / coalhada / muda /...



A ÁRVORE

AS MULHERES

Olhar para trás,

quem são?

como estão?

o que fizeram?

casaram com quem?

filhas de quem?

geraram quem?

*nomes femininos que se juntam, se encontram e não se
encontram*

se reconhecem e não se reconhecem,

se apoiam

se enternecem

se entendem

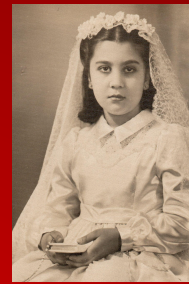
eu sou elas.

eu sou elas?

eu sou elas....







Figuras 12 e 13: Fotos de família – meninas, moças, mulheres. Fonte: Compilação de autoria da autora

*Eu,
avó do menino Aruã,
mãe das meninas/mulheres Victoria e Valentina
filha da mãe Lilian
neta da vó Claudia
bisneta da bisa Lídia
tataraneta da tatara Tishina*

Hoje sou mãe, avó, esposa, professora, musicista.

*Descobri por intermédio de minha mãe e de todas as mulheres que a antecederam que, ensinar é um ofício.
Quando pequena, olhava para meu pai e sabia que ele sim trabalhava, e muito! Ali existia um ofício.
Demorei para perceber que as mulheres da família, até por vezes, mais que os homens, elas sim, tinham o ofício. Ofício de ensinar.
os homens tinham o ofício de ganhar. Ganhar dinheiro, prover a casa com os bens e alimentos.*
Mas as mulheres...
Ah, as mulheres.*

Elas arrumavam as casas com tal esmero.

Elas arrumavam as casas com tal esmero.

Havia cheiros no ar.

Lembro-me dos cheiros de jasmim que minha mãe levava para dentro de casa. As toalhas sempre perfumadas. A louça impecável. A mesa posta sobre toalhas rendadas ou bordadas, muitas vezes, por elas mesmas.

Outros aromas

De comidas

O alimento trazido pelos homens passava pela mágica da transformação pelas mãos destas mulheres.

Mesa farta

O ofício de transformar os alimentos em deliciosos almoços e jantares

Lembro-me pequena olhando aquele monte de mulheres reunidas na cozinha, com facas e panelas nas mãos falando, cortando, rindo, mexendo, picando, misturando.

Ensinavam umas às outras receitas novas,

"novidades no ar".

Pelo telefone lembro-me bem de minha mãe: "tia, quanto tempo deixo a coalhada no fogo?" E falavam, riam, e a novidade gastronômica era servida no jantar

E quando o alimento era escasso, faziam milagres.

Não deixávamos de ser alimentados, mas o ofício de ensinar umas às outras transformava-se no ofício de ganhar o sustento. Aquelas comidas que tão bem sabiam fazer, se transformavam no ganha pão do dia-a-dia.

Bravas mulheres, fortes!

Com sorriso no rosto, corpos gigantes, força extraordinária, não se deixavam abater.

Vi acontecer. Com uma tia, com outra, com minha mãe, comigo mesma.

“Para um povo diaspórico, exilado, e mais exilado ainda depois da guerra, o dinheiro é, mais do que uma moeda de resistência e sobrevivência, também um lugar, um mapa, uma casa”⁸

“Judeus, armênios, árabes, japoneses - todos são não necessariamente ricos, mas sobreviventes competentes, que souberam encontrar uma linguagem que pode substituir a não-linguagem do sofrimento de onde eles vieram.”⁹

⁸ NOEMI, Jaffe - O que os cegos estão sonhando: com o diário de Lili Jaffe. São Paulo: Editora 34, 2021. p.134.

⁹ NOEMI, Jaffe - O que os cegos estão sonhando: com o diário de Lili Jaffe. São Paulo: Editora 34, 2021. p.135.



Figura 14: Casa Popular Calaf e Facury - cidade de Tabatinga / SP / 190?. Fonte: Foto do acervo pessoal da autora

PARTE II - UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA¹⁰

“...estabelecer um caminho através do mundo é habitar; habitar é viver historicamente; cada forma histórica de vida é um modo de produção.”¹¹

“Quem presta atenção a uma história, está em companhia do narrador.”¹²

A história de minha família e sua chegada no Brasil é contada pelo meu avô Ramez Arradi, em uma entrevista feita por minha prima Vanderlene. Meu avô, sabedor de muitas histórias, pediu que alguém o gravasse para que não fossem esquecidas. Ela traz a memória de um povo que chegou a esta terra Brasil fugindo de uma guerra no Líbano, essencialmente religiosa.

Se assentaram no interior paulista, aprenderam a sobreviver, viver, reconhecer e serem reconhecidos.

¹⁰Neste ponto trago a presença masculina/paterna da família, por meio da fala de meu pai e dos meus avôs.

¹¹INGOLD, Tim - Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015. p.26.

¹²BENJAMIN, Walter - O Narrador / Os pensadores - História das grandes ideias do mundo ocidental. São Paulo: Abril Cultural e Industrial / Vitor Civita, 1975. p.75

Ouvir esta história por meio de uma pessoa com mais de 90 anos, e que a viveu há mais de 80 anos, é incrível ao se perceber a riqueza de detalhes e fundamentos históricos, sociais e geográficos. Walter Benjamin menciona que a memória é a capacidade épica de apoderar-se dos acontecimentos e, posteriormente, de revelar os fatos, cuidando para que não se extingam no esquecimento¹³. Pois meu avô demonstra essa memória ao narrar os fatos.

Vale lembrar o valor da experiência narrada oralmente, e o valor de quem transcreve a narração, o que torna valiosa a leitura e escuta desse registro. A transcrição nos concede a segunda escuta por meio da leitura de uma narrativa que nem sempre ouvimos por completo. O narrador imprime à sua narrativa não somente fatos sociais e históricos, mas também sua própria verdade relacionada às suas referências de vida. E fica para o ouvinte imaginar os acontecimentos, por meio das palavras ditas ou escritas, transformando-as em experiência própria.

¹³ BENJAMIN, Walter - O Narrador / Os pensadores - História das grandes ideias do mundo ocidental. São Paulo: Abril Cultural e Industrial / Vitor Civita, 1975. p.73

“Um dito popular alemão afirma que “ quem viaja tem muito a contar” e assim imagina um narrador vindo de longe. Mas não é com menos prazer que prestamos atenção a quem permaneceu no país, tratando de sobreviver e vindo a conhecer as suas histórias e tradições.”¹⁴

Traz à tona lembranças resgatadas da memória e que se engancham no cotidiano vivido durante toda uma vida.

Se faz lembrar.

Não se deixa esquecer!

¹⁴BENJAMIN, Walter - O Narrador / Os pensadores - História das grandes ideias do mundo ocidental. São Paulo: Abril Cultural e Industrial / Vitor Civita, 1975. p.64.

Noemi Jaffe cita que o passado esquecido é uma Medusa: quando ele olha nos olhos de quem o chama insistentemente, paralisa o olhar de quem vê. A pessoa fica com a boca aberta e os olhos arregalados, para sempre. Não se pode lembrar o esquecido e ficar impune às lembranças. Cavocar a memória do esquecimento e enfiar as mãos em montanhas e labirintos e espelhos e pirâmides de lixo, de sujeira, de monstros, de imagens desconexas”¹⁵, em que uma cena de um homem simples, comerciante, vendedor, vivendo o dia a dia do seu armazém, se funde ao homem que viveu intimamente uma guerra.

A narrativa trazida na entrevista é o ponto de partida para a minha própria narrativa. Mostra como minha família, como tantas outras, aportou no Brasil com seus costumes, cultura arraigada e tudo o mais. Deixaram tudo para trás e se adaptaram.

¹⁵NOEMI, Jaffe - O que os cegos estão sonhando: com o diário de Lili Jaffe. São Paulo: Editora 34, 2021. p.165, 167.

”Só raramente nos damos conta do fato de o interesse de guardar na memória as estórias narradas ser dominante no relacionamento ingênuo entre ouvinte e narrador. O ouvinte desapaixonado interessa-se, antes de tudo, pela possibilidade de assegurar para si a retransmissão daquilo que lhe contam. Sendo assim, a memória é, em primeiro lugar, a capacidade épica. Apenas graças à memória ampla, pode a épica apoderar-se, por um lado dos acontecimentos, sendo, pelo outro, capaz de revelar compreensão quando esses acontecimentos se desvanecem pelo poder da morte.”¹⁶

¹⁶ NOEMI, Jaffe - O que os cegos estão sonhando: com o diário de Lili Jaffe. São Paulo: Editora 34, 2021. p.73

Lembro-me muito, que nenhum dos meus dois avôs falavam bem o português. Já estavam há muitos e muitos anos no Brasil, mas em alguns momentos eu mal conseguia entendê-los, de tão carregado o sotaque. Forma de se manter vivo, no que era em sua terra natal, de não se esquecer, de ser.

Trago a entrevista também com a intenção de fazer perceber como o padrão se repete nos vários povos do mundo, e não cessa nunca se pensarmos em nossa atualidade. Estas pessoas têm urgência de sair do seu lugar e buscar outro, neste caso, motivado pela guerra. Perceber em sua fala quase que uma condição de naturalidade, como se os acontecimentos fossem naturais, no sentido de que se vive o que se tem que viver, e faz-se o que é necessário fazer. Ler a entrevista é conhecer um pouco destas pessoas que aqui chegaram, fugidas, escapadas, e que formaram famílias aqui no Brasil, mesclando culturas e costumes.

Transcrição da entrevista feita por Vanderlene, sobrinha de meu avô Ramez Arradi, pai de minha mãe.

Para ouvir o áudio acesse o Qr Code abaixo:

https://soundcloud.com/discover/sets/track-stations:893917108?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

Fonte: Acervo pessoal da autora



TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

ENTREVISTA

(Esta transcrição foi realizada com a utilização de arquivos de vídeo/áudio.)

ENTREVISTADORA: **VANDERLENE**

ENTREVISTADO: **RAMEZ ARRADI**

Vanderlene: “Hoje é dia 31 de Janeiro de 2010. Realizei um desejo muito antigo de visitar o meu querido tio Rames, irmão do papai. E muito feliz, estou aqui para fazer uma entrevista para saber dos nossos antepassados.”

Ramez: “Eu apanhava esse scuca em Hasbaya, onde eu nasci, brincava pertinho de casa no meio de uma pedreira. Nascia no mato, tanto scuca como barbo, o ciclame e a papoula. De vez em quando ia apanhar freixo, nascia no tempo certo assim, mais ou menos no tempo da seca, porque tempo de chuva ficava três meses chovendo sem parar. A gente quase não saía de casa e outros meses o papai ia trabalhar no salão de barbeiro dele, e nós íamos na escola. Eu acho que frequentei três anos na escola, com oito, nove, dez, acho que até mais o onze. Quando fiz doze estava em Beirut, nós fugimos.”

Vanderlene: “Mas e o papai? O senhor se lembra o que ele estudou também e quando que ele começou a estudar violino?”

Ramez: “Ah, isso eu não sei, mas ele gostava muito aqui no Brasil.”

Depois que viemos aqui, viemos fugidos, porque os Xiitas lá, os Drúzios mataram até o Elias Letaif, meu primo ao meu lado, porque não deixaram ele fugir. Nós saímos de Hasbaya, falaram que vinham cinco, dez mil revoltosos tinham só doze soldados franceses. Então doze soldados se retiraram para uma fortaleza e os Drúzios tomaram Hasbaya, além de cinco, dez mil que vieram de fora, tinham mais quarenta, cinquenta mil drúzios em Hasbaiya, 80% da população era de drúzios – podia-se dizer muçulmano xiita né, parecido, não era bem igual – aí falaram que iam tomar a cidade e tomaram. Mas diante disto, falaram para todos cristãos fugir. Os homens fugiram, meu pai, outro amigo dele e tudo o mais, e nós, mamãe e nós crianças e mulheres (? 03:15) também, com Elias, fugiram para Cálcava, uma cidade pequena, que só tinha cristãos no alto da montanha assim, uns duzentos famílias e Mauerni quer dizer cristão maronita, sírio, igual católico.

Depois de uma semana, apareceram todos revoltosos, mais de cinco, seis, 10 mil. Todos com revólver, com enxada, com facão, com foice, com carabina, armados e veio um automóvel naquele tempo, em 1925, era o fordeco. E Hamsi Daruichi , o Xeique Hamsi Daruichi estava lá todo “engaranado” com os guardas e o resto todo atrás dele. Desci eu e o Salim – meu primo – para ver o automóvel que meu pai tinha alugado para nós fugir pra Beirut e era o Hamsi Daruichi com o pessoal dele. Aí ele pediu, porque tinha trincheira dos cristãos na parte baixa e eles sabiam disso e falaram “não, aqui nós não queremos nada com vocês. Nós queremos tomar um café com o prefeito Retira o pessoal”. Retiraram as trincheiras, subimos juntos com eles e os guardas deles – ele era corajoso ein – tinham quatro, cinco, seis guardas com ele e subimos até a casa do prefeito. Quando chegou o café começou o tiroteio, e aí salve-se quem puder, meus primos fugiram e tinha o meu primo Elias Letaif de 19 anos, a irmã dele não deixou fugi, falou, “eu te guardo”. Escondeu ele no lugar onde punha acolchoados, roupa de cama, ah chegaram lá, reviram a casa, acharam ele. Primeiro deram uma facada assim, ele correu para pular a janela e deram um tiro nele, tinha um saco lá, ele agarrou assim e morreu na hora. E nós aí, a mamãe ficava chorando as mágoas né, porque tinha o velinho também, o pai dos moços muito velho, deram uma facada aqui nos ombros e na cabeça, mas não chegou a matar e ia sangue e começaram a pôr açúcar para estancar, eu não sabia disso que era bom. Mas aí a mamãe chorando e nós, quatro filhos e aí chegou os Druzios né., revoltosos.”

Vanderlene: “Desses quatro filhos, o papai era o mais velho, ele tinha quantos anos?”

Ramez: “Treze.”

Vanderlene: “O senhor?”

Ramez: “Doze. Não, onze.”

Vanderlene: “O tio Emílio?”

Ramez: “Seis menos, cinco. Eu demoro porque ficamos um ano em Beirut.”

Vanderlene: “E a tia Alice? Pequeninhos então, era bem pequenininha, é só fazer as contas, depois eu faço de quantos anos ela tem a menos.”

Ramez: “Quantos anos ela tem a menos que o Emilio?”

Vanderlene: “Eu não sei, depois eu faço as contas.”

Ramez: “Eu sei do meu e do Emílio, seis anos. Agora com a Alice eu não sei, mas acho que estava com dois anos quando viemos do Líbano, pequenininha.”

Vanderlene: “Então, continua.”

Ramez: “Aí a mamãe chorando e gritando “Pelo amor de Deus, me salve, meus filhos”, mas chegou um desses Drúzios que não estava armado e falou “Quem é você?” e ela falou “Sou mulher do Jorge Arradi” e ele falou “Jorge Arradi é meu irmão! É meu irmão, vem aqui fora vem depressa, porque ele nunca cortou cabelo da minha família, meu e de todos os meus filhos.

E nos retirou de Calcaba que é a cidadezinha de cristãos, junto a mamãe e nós irmãos, e a dona Maiba. Fomos para Hasbaya, voltamos e falou “leva eles onde eles quiserem” e voltamos na cidade de estava os revoltosos. porque ela tinha uma igreja e até hoje deve ter, e uma escola dos ingleses. É Miss Cathy que tomava conta. Voltamos lá, e guardados, porque a minha avó – mãe da mamãe – estava lá porque é presbiteriana. A Site. A mamãe também é presbiteriana, a sua avó, a sua bisavó também. Eu sei dizer que estavam lá e garantidos pelos ingleses, como os franceses, os ingleses tomaram na grande guerra, França ficou com a Síria e o Líbano, a Inglaterra ficou com a Palestina e , como chama atrás da Palestina, nas costas...daqui a pouco eu lembro....Giordania.”

Vanderlene: “Então foi uma guerra religiosa.”

Ramez: “Essa matava todos os cristãos e queriam tomar né, porque lá tinham 80% de Druzios e os cristãos, cada família mandava os filhos para cá. Tanto é que já tínhamos três tios aqui no Rio de Janeiro, dois no Rio e um no Iguatemi, o mais velho tinha vindo, mas a princípio era para o Rio. Tinham atacado na rua 339, a rua do comércio tinha atacadista lá, de mercadorias, pentes finos, no Rio de Janeiro.”

Vanderlene: “Era direto para o Rio de Janeiro?”

Ramez: “Não, não. Quando nós fugimos para lá em Hasbaya para não atrapalhar tudo, ficamos lá cinco, seis dias, até uma semana.

Aí veio um avião da França para reconhecer a cidade, reconhecer o lugar onde estava a igreja que a escola presbiteriana inglesa, e mandou pôr a bandeira em cima da torre, escreveu escola: Ecolè Franssuar, vamos.dizer, em Francês.

Eles veio, anotaram e aí voltou depois de umas 3 horas e bombardeios. Bombardearam a cidade, mas em volta da igreja da escola, a dois quarteirões, não pegou nenhuma bomba; mas era tal, aquela bombinha aquele tempo deste tamanho, que hoje é como está na cozinha lá. Bombinha, sabe o que fazia? Precisava de travesseiro ou almofada para não estourar o tímpano.

Assisti o bombardeio naquele dia.

A noite a mulher de um homem que era como um deputado que já tinha fugido de lá, que é – eu gostaria de conhecer, mas vou morrer e não vou conhecer – aqui, Cotait, é o chefe do hospital Sirio Libanês.”

Vanderlene; “Ah, do Sirio Libanes, eu confundi com o hospital do Coração.”

Ramez: “O Adib era um grande político lá não sei se chegou a deputado, e ele tinha fugido de Hasbaya, só ficou a mulher dele e filhas também, acho que tinham vindo para cá, não sei. Muito amigo do meu pai, tanto é que meu pai emprestou dinheiro para o irmão dele viajar para o Brasil.

Meu pai tinha libras esterlinas, que a mamãe só escapou com cinto de libras esterlina na barriga, porque os Drúzios não mexiam em mulher, não punham a mão em mulher. Mas ficou toda a roupa, casa, mobília, perdemos tudo, tudo, tudo. O meu pai ficou lá até, sobreviveu só com aquelas libras durante onze meses em Beirut, e ele, não sei se ele trabalhou como barbeiro ou não, e ali nós entramos na escola Setb. Setb é um colégio importante de Beirut que tinha além da escola, uma igreja e um rochedo, uma rocha, que até dizem que São Jorge pisou lá e até agora você vê lá, as patas do cavalo naquela pedra. É coisas incríveis, e nós ficamos em um bairro ao lado, mais pobre perto da praia, que até a gente via, às vezes vinha areia do mar e tal, só num quarto, no alto. Chama Ahlie, quer dizer, sobradinho, mas só um quarto grande. Ali fazia comida com fogareiro a gás, ali dormia, o seu tio Rames pegava lápis e escrevia no chão, para mostrar a todo mundo o que desde lá – eu não aprendi aqui com ninguém – desde lá eu desenhava e escrevia no chão, a lápis preto. Ficamos lá, aprendemos um pouco de francês e eu tenho alguns livrinhos aqui que estavam com a Clair.

Quando nós mudamos aqui e tudo ficou lá, ela pegou dois, três livros meus e mais ainda...”

Vanderlene: *Eu tenho um do papai.*

Ramez: “É do seu pai. Eu tenho dois ou três que eram meus e eu pedi pra ela. Eu vi, ela é danada. Ficou muitos livros meus também aí, mas não tem problema.”

Vanderlene: *“Vocês falavam Francês muito bem, né?”*

Ramez: “Não, não chegamos a falar, entender um pouco né. É porque um ano só. Porque era obrigado no recreio, não podia falar árabe. Tinha uma tabuinha assim, sinal. “sinhal” em francês, escrito; se falou árabe, se entrar com ele, tem que fazer 30, 40, 50, e “eu quero só falar em francês”.

Ficamos lá e falaram que a esquadra da França, eles tinham tomado aquela fortaleza; à noite, nós saímos à noite de carro eles deixavam passar. Que eles chegaram na frente da fortaleza de Jedaide pararam ali não conseguiram porque ali estava fortificado. Mas pra passar ali só passar mulher e criança.

Tinha um guarda com carabina cristão junto com a mulher, mandaram ele voltar para dar recado e mataram ele logo ali adiante.

Então viemos ali, dormimos numa vila chama Reiam. Reiam quer dizer, é que nem favela aqui quase. Com a roupa do corpo só. Aí o papai mandou automóvel ouve comunicação e veio, nos levou. Passamos por Sidão, Cerda. Sidão. Tiro e Sidão, na Bíblia, onde Jesus curou o cego, fez a coisa com as coisas dele e passou nos olhos dele e curou. Onde Jesus passou nós passamos também.”

Vanderlene: *“Se emocionou!”*

Ramez: “Ah ultimamente...qualquer coisa

Eu sei dizer que ficamos 11 meses aí (...) que bombardear.”

Vanderlene: “Onze meses em Beirute, aguentando o tiroteio”

Ramez: “Não , não. Tiroteio nada!

Nada! Lá é longe”

Vanderlene: “Em Beirute não tinha nada!”

Ramez: “Nem Sidão.

Ficou em Jedaide naquele lugar onde mataram Elias, meu primo.

Aí quando nós chegamos lá, meu pai tinha o mesmo que tinha acontecido com ele em Barra Bonita. Ele parou de comer de tristeza e endureceu o intestino, e tinha um médico muito bom, é Mattar, esse aquele que cuidou dele. Eu acho que não cobrou nada.

Mattar é meio parente. Sei lá, apareceu lá. É isso.

Quando viu a família ele se arribou, levantou e começou. Fica preso o intestino e acontece.

Em Barra Bonita o Caliu ficou doente, ficou resfriado assim e tal, e ele também ficou sem comer, apareceu, endureceu o intestino dele e o médico em vez de saber que podia ser apendicite naquele tempo, 1926, falou: “nó na tripa”. E esse nó precisava, já deu purgante de cavalo e bolsa de água quente. Então cozinhou. Piorou. No quinto sexto dia falou, não adianta aqui mais, melhor levar pra Jaú.

Então ele me chamou e falou: “toma conta de sua mãe e de seus irmãos”. Não falou pro Caliu não é por nada. Não é porque...”

Vanderlene: “Você está falando do meu pai ou do meu avô que teve isso aí? É o avô.”

Ramez: “Meu pai!”

Vanderlene: “Seu pai!”

Ramez: “É, claro.”

Vanderlene: “Ah tá. É que chamava Caliu também. É que o senhor falou Caliu e eu confundi.”

Ramez: “Não, Jorge. Meu irmão mais velho, Caliu.”

Vanderlene: “Que irmão mais velho tio Ramez? Não, é, meu pai. Mas quem teve esse nó na tripa foi seu pai.”

Ramez: “É, Jorge, é claro, meu pai só.”

Vanderlene: “Ah eu não sabia que ele...”

Ramez: “Seu pai de vez em quando ficava grupado e isso aquilo e tal.”

Vanderlene: “GRAVANDO”

Ramez: “Nós ficamos com receio lá em Beirute, falavam que França ia bombardear cidade de Beirute se chegassem mais perto os revoltosos, os Druzios, mulçumanos. E diante disso, meu pai não tinha meios e pediu auxílio para meus tios. Rua da alfândega, já lembrei, 339, tinham casas de comércio e tinham vendido, terminado porque eram dois solteiros e queriam casar lá no Líbano. Aí esperaram tudo, mandaram, ajudaram. Eles devem ter pago nossa viagem. E chegamos ao Rio de Janeiro no mês...”

Vanderlene: “Passaram em Gênova?”

Ramez: “Passamos em Gênova.

Agora você quer saber, nós saímos com navio Brasil pequenos de Beirute até Itália, paramos em Messina; Messina e Palermo capital foram os Fenícios que fundaram; na ilha de Sicília, passamos em Napoli, paramos um pouquinho no porto, depois fomos à Gênova, no hotel ficamos 8 dias esperando a Companhia Real Italiana, depois pra vir o maior navio, na época, Montiverdi, eu tenho o desenho dele, quer ver, o cartão, e que viemos com ele e, ficamos já e aí falaram que aqui tem, em Gênova, o maior cemitério que tem túmulos de mármore monumentais. E lá fomos nós com um grupo de turistas, e fomos lá junto que a gente pra não se perder tal. Não era tão longe, E quando saímos todos juntos, eu e meu primo, Salim, estávamos de um lado mamãe e as amigas dela e os filhos estavam do outro. E Alice entende que queria vir com nós né, e ela pegou e saiu, foi atrás de nós e não viu mais nós assim e aí ficou perdida.

Vanderlene: “Ficou perdida no cemitério?”

Ramez: “No cemitério. tanto é que a mamãe andamos muito, muito grande. Era uma cidadezinha. Aí quando ia saindo perdendo quase a coisa de poder encontrar, aí os gendarmes, os soldados estavam lá com ela assim, e quando parece que cada um que vinha, a família né, quando a mamãe correu pra ela e ela veio falou, essa é...”

Vanderlene: “Ih, mas vai se emocionar outra vez?”

Ramez: “Vou.”

Vanderlene: “Se for chorar por cada coisinha aí não vale...”

Ramez: “Não, não, não...”

Ah deixa eu ser como eu sou bem.

Aí nós fomos lá, voltamos pra casa, pro hotel e saímos para Marselha na França e passamos pelo... Gibraltar.

Por que Gibraltar? Já(? 23:11)montanha do general Tarak. A história quando os fenícios, não, os mulçumanos, os árabes conquistaram as encostas toda, África, e conquistaram a Espanha ficaram 670 anos na Espanha, passaram pelo Gibraltar, Gibraltar, porque é estreito.

Chegamos no Rio de Janeiro, estavam nos esperando, nossos tios, e nós ficamos...

Vanderlene: “Quantos dias demorou esta viagem de navio?”

Ramez: “Eu fiz aniversário no navio Ontiverdei, em junho.”

Vanderlene: Vocês levaram quantos anos, dias, meses, o que?

Ramez: Mês, mais ou menos de Beirute até o Rio de Janeiro.

Vanderlene: Quanto tempo, 1 mês?

Ramez: 1 mês, mais ou menos.

Vanderlene: E foi muito sofrido no navio?

Ramez: Não não, pelo contrário

Vanderlene: Ah, foi boa a viagem.

Ramez: Quer que conta agora uma coisa gostosa?

Vanderlene: Quero!

Ramez: Todo mundo chegava lá no bar do navio, e aquele pessoal lá com, dinheiro italiano assim, e eu consegui uma de prata assim, e chegavam lá e pediam um vinho um negócio espumante e tal, eu falei, um copão de cerveja né depois vi que me contaram, isso aquilo e tal, vi que se deliciava e tal, eu peguei, quiz também comprei, fui lá, grrrr, joguei copo e tudo no mar, (? 24:42) teve que pagar o copo, eu fiz essa malandragem.

Sei dizer que no RJ, aí meu pai e o Calil, vieram para Iguatemi, porque tinha o irmão mais velho.

Vanderlene: Tio seu?

Ramez: é, e, quer dizer, junto com meu pai e Caliu, veio (? 25:15) que é João em português, que era, nasceu junto com meu pai. Como é que fala?

Vanderlene: Gêmeos. Irmão gêmeo, ele já estava em Iguatemi...

Ramez: não, lá no Rio de Janeiro, depois vieram. Quem estava em Iguatemi: Assad, Manoel, o mais velho de todos, solteiro. O outro também era solteiro. Só Naim, mais novo, estava lá no Rio. Ficou com a família toda.

Eu sei dizer que ficava lá no RJ e a tia Matil queria que Abdalla desse um chorão, pequeno, menino e eu fiquei lá

Eu to falando, Naim e a família ficaram no RJ

Vanderlene: Mas, vieram juntos de Beirute?

Ramez: Não, Naim morava no Rio com os irmãos. Com Farah era sócio do...

Vanderlene: Mas já tinha vindo....

Ramez: Há muito tempo. Tanto é que até a mulher veio tal e coisa.

Vanderlene: Então eu to entendendo que a família começou a vir aos pouquinhos lá de Beirute.

Ramez: Muito antes de 1900. 1900 talvez; 1905, 1910, por aí

Vanderlene: Isso que eu queria saber. Quando que começou a vir a família para o Brasil

Ramez: Eu sei que dizer aí vieram meu pai, o gêmeo dele, Fadu, e o Caliu, irmão mais velho, não sei se você conhece.

Vanderlene: Por acaso, nasci dele.

Ramez: Falaram (? 26:47) Já tinha o irmão mais velho na fazenda dos Letaifs, casa velha tá lá até hoje, de madeira. Acho que tem 100 anos aquela casa, casarão. Tinha armazenzinho e tal, mas tinha liquidado porque sobrinhos dele que estavam com ele, deixavam ele sozinho, então ele já vivia sozinho, coitado. Não faltou muito tempo depois, mudou para Barra Bonita, ele. Mas antes nós ficamos lá, eu acho que umas 2 semanas, ou 3, e quando nós viemos, depois de 2 meses, eles trouxeram nós...bom vou contar pra você então porque Barra Bonita.

Vanderlene: Isso, isso aí.

Ramez: Aí falaram que em Barra Bonita que é pertinho de Iguatemi, tinha um primo deles, João Arradi, em árabe é Xequer, muito velho que tinha um armazém, era casado com Severina, filha de um sitiante de Igarapu, de ali de perto, não teve filhos, nem nada, e ele muito doente, velho, tinha um armazenzinho pra vender. Foram lá e fecharam negócio com ele.

Essa casa tinha 11 portas de madeira caindo aos pedaços. Podia depois te contar que na Revolução de 32 os soldados nos roubaram abrindo, fazendo assim na porta assim, tiravam a tranca assim, levavam tudo de melhor que tinha em casa. Casacos, chapéu Cury, corte de Casimira, camisa pronta feita, e outras coisas mais. Era incrível, não deixaram quase nada. E eram soldados que estavam lá para guardar a ponte Campos Sales, porque era a revolução de 32, porque é passagem de uma parte do estado de SP pra outro. Eu sei que comprando aquilo lá, aí depois, nós, mandaram a gente vir do RJ, ficamos 1 semana ou 2 em Iguatemi também.

E o pior que o tio Assad, bebia caipirinha e ficava a tarde meio assim e tinha a cachorrinha bonitinha assim, ensinada, Loreta. Pegava assim castiçal, acendia castiçal, fazia ela ficar em pé e punha na cabeça dela e tinha que ficar assim e ele ficava contente, E ele queria que eu cantasse em árabe. tanto é que eu tenho um caderno aqui...

Vanderlene: O senhor também canta?

Ramez: Eu cantava muito

Vanderlene: Eu sei que tio Emílio sei que canta, só

Ramez: Emílio cantor, até cantor, cantava talvez em espetáculo ou isso aquilo. Cantava em clube com amigos. Fazia serestas, mas eu não sou disso. Eu sou cantor de Igreja. Na missa se me visse qualquer vez, você me via cantando.

Vanderlene: E o papai, eu nunca ouvi um som da voz dele. Nunca cantou.

Ramez: O pessoal aqui por exemplo no Hospital Sta Catarina, na Igreja, que eu quando podia ia lá, agora faz tempo que eu não posso mais sair daqui.

Vanderlene: Quer descansar um pouquinho?

Ramez: Não, não.

É, tinha o coro lá, que fazia questão, já 2 ou 3 vezes as irmãs vai lá comigo pra eu ficar lá cantar. Não, não, quero ficar perto da minha mulher aqui

Vanderlene: tá bom, a Amélia.

Ramez: A Amélia né.

Desligou né.

Vanderlene: Não. Começa outra vez

Ramez: Porque que você, bom...

Vanderlene: Fala do meu pai.

Ramez: Seu pai logo com seus 17 anos não sei quanto, ah o meu tio Fato era solteirão aí ele....(31:00 até 31:10 ? sem áudio)

O armazém uma loja aí, na mão de 2 crianças, crianças. Eu tenho, porque não? O seu irmão já está namorando, vai casar e não sei o que lá. E dito e feito, Ele saiu e casou com a Julieta Arraes, e meu irmão Caliu ilustre, casou-se logo porque namorou Ester Jadad, não passou um ano, casou-se.

me lembro da vez que ele quebrou a perna lá na chuva. Eu aluguei um vagão lá da Paulista pra trazer ele. Um vagão pequeno especial para vir à São Paulo. Levamos ele, perguntei ao primo Michel Mattar, riquíssimo aqui, falou vai no Itapema Alves, o médico, e fomos lá ele operou, isso, aquilo. Custou um dinheirinho mas ele ficou bom, graças a Deus.

Mas logo logo que ficou bom, não sei se ficou um ano e meio ou dois, ele separou, levou a parte do armazém, “não, não quero nada da loja”, só armazém. O armazém é coisa que vende fácil, isso, aquilo. Isso talvez não rima bem no seu coiso (? 32:31)

Vanderlene: mas não faz mal. Pode falar a verdade.

Ramez: Não, aí ficou seu tio Ramez lá, com poucos fregueses, com pouca, pouco meios para sustentar os irmãos e a mãe. Como eu falei, o meu pai ficou doente, por causa, tá ali meio adoentado, chamou a mim. Falou “Ramez, eu vou morrer, vou pro (? 33:02), mas vou morrer, depois de 8 dias doente. Toma conta de sua mãe e de seus irmãos.”

E assim Deus quis que eu continuasse. E eu já era, desde menino, quando saía de hasbaya da Igreja, da missa, me parecia que eu estava vendo um anjo, um Jesus, alguém, que com aquela fé, desde menino, aquilo lá, mais ainda aí, mãe e irmãos.

Vanderlene: Papai era desligado?

Ramez: Eu acho que ainda estava em casa.

Vanderlene: Mas era desligado. Ele não era muito ligado em religião.

Ramez: Não, ligado, trabalhador, isso e aquilo.

Vanderlene: Não, em religião.

Ramez: Aí isso é por conta dele, não posso te dizer nada. Não sei. Não sei nem eu indo lá quase, na Barra quase não ia.

Porque o próprio padre fazia coisas na Igreja lá que, infelizmente...

Vanderlene: Padre Chiquinho.

Ramez: Depois se arrependeu, me contaram, ele morreu de fome, não sei de que.

Vanderlene: Aí eu não me lembro tio, eu era tão criança.

Ramez: Eu sei dizer que aí saindo..

Vanderlene: Eu quero saber o seguinte, porque a vovó então não chamou o filho mais velho? Porque ele estava casado?

Ramez: Não, porque ele estava na cama, adoentado

Vanderlene: Ah eu entendi que ele era desligado da família.

Ramez: Não, não.

Vanderlene: Porque ele estava doente então.

Ramez: Seu pai era “magroso”, “magroso” e eu era uma bola. Eu era uma bola para ir fazer, em Hasbaya, apanhar figo da Índia, dum lugar que vinha com cestos e coisa, ele arrendou que nem um quarteirão aqui, uma terrinha pra plantar pepino, abobrinha, melancia, etc, etc, tudo longinho assim, 1 km, 2, chamava eu: “Escuta, porque que não chama Caliu?”, “Não, eu quero você!”

Vanderlene: Papai era o que? magroso? Que que é isso?

Ramez: Seu pai era magro.

Vanderlene: Ah, era magrinho!

Ramez: Magrinho, magroso, falei. Mesma coisa.

Vanderlene: Ele era frágil, e o senhor era fortão. Até hoje vai na fazenda, o senhor andava na fazenda, plantava.

Ramez: Sete quilômetros por dia e graças a isso eu ia de manhã na fazenda, fazia assim: “respira e inspira”.

Aí é minha vida que eu vou te contar porquê do seu pai não tem quase nada.

Vanderlene: Só uma coisa, falar sua vida. A parte musical do papai, que que o senhor sabe? Porque eu encontrei agora umas partituras que eu não me conformo. tem coisa de Pixinguinha, tem coisa de Heitor do Prazeres. Ele tem umas partituras dos primeiros que fizeram música brasileira, e eu tô...

Ramez: Ele gostava de cantar.

Vanderlene: Papai cantava?

Ramez: Não, não, de tocar

Vanderlene: Ele tocava violino, tem uma foto. O violino dele ficou comigo. Não, o papai era violino. Não é mais...é...então o senhor não lembra nada assim?

Ramez: Não, dessa parte não, porque aí nós ficamos bem separadinhos eu acho. É pelo seguinte, porque, nós quando mudamos para a casa nova, do Joaquim Simão lá, que eu te falei, aí eu peguei o Clementi Jacomin, o pai da agrícola, que ela gostava de mim e eu gostava dela e não tinha jeito de me expressar porque era pixote, quando as meninas vinham, as moças vinham...(36:50 - falha no áudio)

Passamos na casa nova e os Clementi jacomin me fez prateleira nova, e eu, prateleira vazia, quase, pouca mercadoria e poucos fregueses, é, eu vim a São Paulo aqui, falar com Michel Mattar e seu primo de Michel Mattar e isso e aquilo, cheguei no Assad Abdalla, maior fabricante de tecido grosso, falei com o genro dele, Elias Arah, falei, em conversa do Raul Tauili, falei, meu irmão Raul Tauili, vai comprar o que quiser. Vai comprar o que quiser e é a prazo, não precisa nem, eu dou uma entrada o resto te pago. Fui lá com os (? 37:40) que vendiam armarinho, depois conheci doutor Pedro Kamasmi, aqui, praticamente, ele até hoje está vivo. Foi meu médico e da nossa família. Quer dizer, eu entrei aqueles Ansarah. Ansarah vendia tecido.

Vanderlene: Mas tio Ramez, quando o senhor fala em casa nova, é qual?

Ramez: A casa velha que me roubaram não.

Vanderlene: É aquela que o senhor construiu com papai.

Ramez: É, vou chegar lá. Aquela que eu e Joaquim Simão. E construiu até o armazéninho porque precisava ter o armazém. E aí começou a vir mais fregueses e eu comecei a vender, vender, vender, aí, os Ansara por exemplo que vendiam muito tecido fino, tal, o cara Dr, Tuffi falou: “ Escuta, o nosso viajante não vai à Barra Bonita?” Ele vai. Não vai na minha casa que podia comprar, vender à prazo. Aí eu falei isso, aquilo, bom de bico, de lábia, por isso consegui vender muita mercadoria convencendo freguês a vender.

E até hoje falo demais, ontem fui no médico anteontem e...

Ansara foi padrinhos da Lilian e João. Quer dizer, família que era amigos dele.

Aí nós fomos dando bem aí. Comecei a vender fiado. perdi um pouco de fiado, falei: “Acabou, só à vista. Não vendo mais” Aí comecei a melhorar e trazer pouco dinheiro, comprava, dava de entrada, comecei a subir.

Aí na minha frente dessa loja, seu Jorge Mucare, que tinha diversas moças, qque ele achava que eu podia, principalmente uma delas que eu acho que gostava de mim. Ave Maria! Isso, aquilo...gostava de dançar comigo também, tudo, mas, dava dinheiro pra trazer pros irmãos, filhos dele que estavam estudando aqui, e eu trazia goiabada, pão sírio, não sei que lá e tal. Depois pegava dinheiro, antes era 500 mil réis, punha no meu bolso; falava não, não precisa, tal. Depois passou a um conto de réis pra ajudar.

Porque eu comprava muita mercadoria lá pra vender. Pra um casamento precisava trazer grinalda e roupa, há 3 quarteirões que ele tinha loja, tinha loja fina lá.

Aí ele construiu um prédio na minha frente, sobrado, com, igual o de Pederneiras, o prédio. Aí quando terminou aquilo ele falou “Ô Arradi, você não quer construir?”, isso, aquilo, eu não...estava difícil conseguir terra, lote, terreno. Num tinha nenhuma esquina, queria uma esquina. Aí achei com João umas casas, ele era barbeiro, e pra conseguir, precisei dar um corte de linho pro filho dele, do (? 40:47), pra ele falar pros pais isso e aquilo e era um dinheirinho bom. Consegui a esquina.

Vanderlene: Então foi o senhor que construiu, comprou o terreno, fez o desenho, como arquiteto.

Ramez: Eu que comprei o prédio da esquina, comprei o de lado, comprei o terreno, eu fiz à maneira que eu queria. Não é bem o desenho que até foi ele...eu falei quero assim, assim, assado. Entrada aqui, escada pra não ficar alta, com coisa de mármore e tal. E construí e aí, melhorou muito, e eu casei, nasceu a Lilian e aí não tinha escola pra ela estudar. Não tinha escola, não tinha ginásio na Barra , aí tive que voltar pra Jaú. Como é que faz?

Aí indo pra Jaú, Miguel Cury, você não conhece, cunhado do Chamas, ele ia me vender, falou “Você vem aqui, eu te vendo, facilito e tal” aí num me interessei porque disse que a residência, o irmão dele, Dr, Jorge ia casar e ficava. Falei então eu fico com armazém e moro no jardim. Porque até tinha morada no jardim, como é que é. Não aluga coisa. Aí passado mais um ano os irmãos dela, os Chama, quiserem vender a casa onde depois nós, eu mudei, lá, aí eu vim, fiz negócio. Fiz negócio da maneira que eu pude.

Vanderlene: Era uma criança ainda né! Era bem novo. O senhor que foi firme né.

Ramez: Criança era na barra, não era em Jaú. Já era maiorzinho. Eu comecei com 16/16, ele com 10 anos. Tanto é que até ano passado ele me chamava de pai. O Emílio perdeu os vícios dele, não me chama mais de pai.

Vanderlene: Só uma coisa. Do papai pro senhor tem 2 anos, o senhor pro Emílio tem 6, e do Emílio pra Alice, isso que o senhor não lembrou né.

Ramez: Não lembro

Vanderlene: Não faz mal. Depois eu faço a conta.

Ramez: Talvez seja 4, não sei.

Vanderlene: Aí o senhor foi pra Jaú, foi fazendo a vida e construiu aquele...

Ramez: Não, aí foi a luta, o trabalho, a experiência e sempre Jesus. Deus me ajudou muito em tudo o que eu fiz em minha vida. Você acredita? Eu creio. Porque se não fosse Deus eu não estaria aqui contando a minha história, não estaria aqui lembrando de tudo.

Ele me deixou isso daqui, me aconteceu isso mas o resto, disse que a máquina até que tá boa, aqui dentro, o médico.

Vanderlene: Com certeza, e a cabeça, melhor que a minha.

Ramez: O dia que me derrame, de tanta tristeza que ela ficou, que ela caiu e quebrou a perna. Quebrou a perna, e ficou muito mal e eu comecei a carregar as coisas e tudo. E ela não fazia mais comida, e ficava, e não tinha mais ninguém pra fazer comida.

Vanderlene: O senhor cozinhava né

Ramez: Eu, nunca cozinhei nada. A primeira vez foi a semana passada, precisei fazer arroz, mas nunca fiz nada a não ser salada e café da manhã. Serviço da manhã eu faço. Não sei cozinhar nada. Sempre trabalhei. Acontece que eu tive, acho que sorte na vida né, porque, quando eu estava lá com o armazém, por exemplo, apareceu um empregado do (? 44:59) pedindo coisa, isso e aquilo, eu já comprava dele pra vender no atacado. Porque atacadista, peguei; tinha 2 caminhões com 2 viajantes. Vendia, e tenho a carta com representação da usina da Barra. Vendia uma vez 2000 sacos de uma vez só pra Jaú Serve.

Vanderlene: E no fim foi a usina da Barra que acabou com papai né.

Ramez: Ah não sei.

Vanderlene: Ah foi.

Ramez: eu sei dizer que depois, eu era atirado, Era atirado mas só à vista. Só dinheiro. Entrei na, me puseram, fiquei 6 anos na associação Comercial de Jaú.

Vanderlene: É verdade, porque papai era medroso. O senhor sempre foi atirado, o tio Emílio também, até demais o tio Emilio. Bem atirado mesmo. E construíram...

Ramez: Emílio não teve sorte. Ele confiou em empregados, roubaram ele. Está pobre ele. Ta pobríssimo.

Vanderlene: Ele tá pobre. Que coisa coitadinho.

Ramez: Precisa até ajuda. Nós estamos ajudando ele.

Vanderlene: Tio ramez, depois daquele império que vocês construíram que é a saca Arradi, como é que pode entender que o tio Emílio está na miséria? Que coisa não!

Ramez: Roubaram ele, to falando, não soube, não soube fazer as coisas. Eu tenho minhas contas de 40 anos que tá aqui, dia por dia que eu gastei ontem, hoje, amanhã e tudo será anotado. Saber o quanto eu ganho, o quanto perco, o quanto...

Vanderlene: Este costume o papai tinha, eu tenho e o Alisson tem, aquele caderninho, todos os dias...

Ramez: Como é que vai o Alisson com a família?

Você não acredita. Se eu voltei a pintar aqui, graças ao esforço da Amélia. Volta a pintar, volta, não está fazendo nada, isso e aquilo e tal. E também, como antes, por causa da agrícola lá que eu pintei quando era menino, graças a ela que eu conto a verdade.

Muitas coisas.

Agora, pra vender lá a fazenda, eu tinha um chofer lá, não contei, dos 2 caminhões, que era louco pra pegar dinheiro por fora assim e tal e os donos do Jaú Serv, o mais velho, João Sandorro, o avô do João, “tem um sitio em Campos Sales, lá em Barra Bonita, sua terra, quer comprar?” Eu falei, “Ah depende”. Ah sabia que eu gostava de sitio isso e aquilo e a Iguatemi e tal.

Vanderlene: Ó, ta gravando. Vai terminar.

Ramez: Fico muito grato Vanderlene querida, sobrinha, que Deus lhe abençoe, que Deus lhe dê muita saúde, muita paz, continue com Jesus no coração, não esqueça nossa religião cristã, pelo amor de Deus, porque Ele está aqui agora escutando nós, tudo o que nós fazemos, tudo o que nós falamos, acredite sempre que ele está a seu lado. Não desanime nunca por nada. Seja feliz, desejo também a seus irmãos, a todos; a toda nossa família. E nossa família veio, nossos bisavós, ou antes deles da cidade de Arad, ou Harados que na história da Siria tem mapa de Arad e tem.

Vanderlene: Arad é o nome de uma cidade?

Ramez: Arradi da cidade de Arad. Nós somos Arradi porque nasceram, nossos avós, são de Arad.

Vanderlene: Arad é a cidade

Ramez: e Arad, ou Arado.

Vanderlene: E essa cidade ficava perto de Hasbaya tio?

Ramez: Não.

Vanderlene: Seus avós moravam perto de Hasbaya?

Ramez: Olha aqui ó, aqui tem diversos aí: Tiro, Sidon, Geber e Arak. Agora Tiro é Sur em árabe.

Vanderlene: Ah, vovó era de Sur

Ramez: Então, Sidon é Saída, onde Jesus curou. Geber, acima de Beirute e perto de Arados, que é outra cidade. Arados ficava numa ilha perto de Antioquia onde São Paulo vivia. Antioquia. Lá, aqui tem bastante (?49:56), diversas vezes.

Vanderlene: Então nós somos libaneses ou nós somos sírios?

Ramez: Somos Sírios. Eu mesmo nasci quando era Síria. Você é paulistana agora ou brasileira?

Vanderlene: Eu sou brasileira.

Ramez: Então é Síria, porque o Líbano sempre foi um Estado da Síria. A Síria foi tão grande, a grande Síria.

Vanderlene: O Líbano não é separado da Síria? Quem nasce no Líbano é libanês e quem nasce na Síria é sírio?

Ramez: São Paulo é separado do Brasil?

Vanderlene: Não.

Ramez: Então to falando que é um Estado da Síria.

Vanderlene: Eu sempre fiz confusão com isso aí.

Tá, Arad. Esse é o Rio Nilo, não?

Obs: Estão analisando a árvore genealógica desenhada pelo Ramez.

Ramez: Aqui o certo é Arados, é uma ilha, não é Nem. Pode ser que a cidade Arados e a ilha Arados, também. Essa é a Síria.

Vanderlene: Síria, Babilônia.

Ramez: Essa é a Palestina.

Vanderlene: Aqui é Mesopotâmia.

Ramez: isso aí é coisa antiga

É a Grécia, Irã.

Aqui Ur, onde Deus mandou Abrão morar em Ur (risada)

Aqui a antiga Fenícia. Líbano é a antiga Fenícia. Nós somos descendentes de fenícios. Que inventamos o numerário, 1, 2, 3, 4, 5, 6. O alfabeto.

A Bíblia, Biblos, que escreveram começaram a Bíblia acima do Líbano.

Vanderlene: A cultura dele é impressionante né!

Ramez: Ah minha filha..

Vanderlene: Então a vovó e dois córregos, mãe da mamãe, ela era de Sur.

Ramez: è Sur, pode ser Tiro também

Antigamente chamava Tiro, agora Sur. E Sida, Sidão.

Vanderlene: Que que tem com Jesus mesmo, que o senhor falou?

Ramez: é o caminho de Sidão que ele estava, que curou o cego

Vanderlene: Tá bom.

Ramez: A nossa origem veio os mais, primeiros eram Cury, Curia, Hury, era padre. Chacra Assef, Dimianos, pai de Chequer Ehage Dimianos. Tá vendo aqui?

Agora, Chequer Ehage Damianus e Disbina Ehage são irmãos. São marido e mulher quer dizer (? 52:37)

Agora, casado Hesshui, irmã de Fábio Dabur. esse eu não sabia. Aprendi aqui, que nós éramos parentes do Dabur. Entendeu?

Vanderlene: E Cury também? Eu também achei Cury aí no meio...

Ramez: Bom, Cury é padre. E vem aqui dos primeiros viemos de padre ortodoxos, porque todos casavam. Então os filhos ...(53:08)

Vanderlene: Os nomes deixa, porque o que interessa é o sobrenome, né. Quem deu origem a quem.

Ramez: Então agora, do nosso lado, o primeiro mesmo descobri com o título que tem, ainda tem no cofre nosso lá em Jaú meu. tem umas coisas antigas que eu quero ele, papéis. tem até papéis que meu pai emprestou ...isso não existe mais.

Saad Arradi vindo da cidade de Arak ou Arados, ou Arados. Norte do Líbano. entre Antióquia e Beirute, capital

Vanderlene: À beira do mar, que mais?

Ramez: à beira do mar. Amre, antigamente tem o nome de Amre.

Vanderlene: Não é o mar Morto não né'?

Ramez: Não é o Mar Mediterrâneo, no cantinho lá, ó aqui ó, no cantinho, aqui.

Vanderlene: tá aqui Arad tá aqui, Sur, Sidão, Beirute.

Ramez: Arad aqui, Arados, mas eu errei. Aqui muitas minas, começa com nome de Rio Hasbany.

Vanderlene: Tá, interessante

FIM

Mas no que de fato se adaptaram? Alguns costumes e prefiro dizer assim, sua “cultura”, continua estampada nas relações com ênfase na hierarquia masculina sobre a feminina. Não importa o que passaram ou como se adaptaram. Algumas coisas não mudam tão facilmente e dependem quase que exclusivamente do “entender o que se passa” e do “querer mudar”.

Uma lupa para a minha própria família.

Minha escrita reflete sobre o DNA dessa família, olhando principalmente para as mulheres que a compõem. O homem, como provedor financeiro por meio do comércio, as mulheres como provedoras de afetos e alimentos, palavras doces, duras, sábias. E quando os homens esmorecem e “falham na missão do provimento”, as mulheres se transformam nas provedoras financeiras por meio do alimento.

Penso sempre sobre de onde tiram suas forças, já que vivem numa cultura totalmente patriarcal e machista.

PRESSÃO

<https://www.youtube.com/watch?v=RQITfws6vEk>

Fonte: Acervo pessoal da autora





Figura 15: Coalhada. Fonte: Acervo pessoal da autora

“QUE SUA MESA SEJA SEMPRE FARTA”

<https://www.youtube.com/watch?v=Py3w4MoyauU>

Fonte: Acervo pessoal da autora



مكتوب

Figura 16: Escrita árabe da palavra Maktub. Fonte:
Imagem de autoria da autora

MAKTUB

Lembro-me criança meu avô nos consolando (eu e meus irmãos), dizendo a palavra Maktub¹⁷:

- Maktub, minha neta, Maktub!

Foi tão marcante isso em minha vida, “deixar isso pra lá porque está escrito em meu destino”, que tatuei em meu braço.

Hoje percebo o peso dessa palavra, e busco ressignificá-la por meio deste trabalho e da vida. Entender o lugar da mulher nessa cultura e como o Maktub a coloca no lugar de mulher conformada.

¹⁷ Palavra árabe que significa "já estava escrito" ou "tinha que acontecer" com sentido de predestinação ou destino. Neste caso, apesar de possuímos o livre arbítrio, as coisas que acontecem já estavam destinadas a acontecer.







Figuras 17, 18, 19 e 20: Ensaio fotográfico e simbólico sobre a palavra Maktub. Fonte: Fotos de Valentina Facury, acervo pessoal da autora



“Viver no estado de *hambre del alma*, de alma infinita, é sentir uma fome insaciável. Nessa situação, a mulher que foi capturada não sabe o que fazer e aceita alguma coisa, que lhe *pareça semelhante* ao tesouro original, seja para o seu bem ou não. A mulher que foi privada da sua verdadeira vida da alma pode dar a impressão de estar “limpa e penteada”, mas por dentro está repleta de dezenas de mãos que imploram e de bocas vazias.”¹⁸

Hoje reflito sobre esta condição de imperturbabilidade em que viviam: aceitavam tudo, com rosto impávido, ao menos na aparência. Não reclamavam...faziam.

Resignadas ouvi diversas vezes que “era assim porque deveria ser assim”.

As diversas famílias que compunham minha grande árvore eram assim, calcadas no catolicismo, fervoroso, moralista, disfarçada na bebida quente e confortável.

¹⁸ESTÉS, Clarissa Pinkola - Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p.263.

Mergulhadas no estoicismo profundo, percebia em cada uma delas, ao mesmo tempo, um "ar" um tão triste misturado à alegria aparente.

Adaptaram-se o quanto puderam, submissão sem queixas, de aparente heroísmo.

Um heroísmo manifestado na obediência e não na colaboração. Enquanto a colaboração ocorre no desejo e conseqüentemente na realização espontânea entre duas ou mais pessoas e advém a partir do prazer, a obediência implica na divisão do trabalho, que contém como emoção primordial, a separação sexual dos afazeres. “Em outras palavras, é a emoção, sob a qual fazemos o que fazemos como homens e mulheres, que torna ou não o afazer uma atividade associada ao gênero masculino ou feminino, segundo a separação valorativa própria de nossa cultura patriarcal, que nega a colaboração.”¹⁹

¹⁹ MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Verden - Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Pallas Atenas, 2004. p.18,19.

Quando mais velha e percebendo minha mãe, de geração mais nova que minhas tias, entendi que havia algo que não era dito. Um sentimento de vida necessária mas presa, estanque dentro de cada uma delas "em respeito" ou a mando de uma sociedade totalmente patriarcal, de obediência a regras constituídas por uma cultura ditada à séculos e que, com a vinda para um país estrangeiro, serviu como suporte e manutenção da família correta e eficaz, em sua sobrevivência, manutenção da moral e dos bons costumes.

Tenho em memória meu avô me consolando quando levava uma bronca, ou quando mesmo não concordava em fazer o que deveria ser feito. Ele me abraçava, dizia que estava tudo bem e repetia a palavra *Maktub*, diversas vezes. Sentia conforto e que realmente estava tudo bem. Introjetei de tal forma a palavra, que, já adulta, tatuei-a em meu braço. Precisei de tempo para perceber a profundidade e o problema que isso significa. A importância dela para toda uma cultura, mas que quando dita a uma mulher, significa a aceitação de tudo o rebaixamento e servidão a que é submetida.

Ao ouvir o depoimento de meu avô , pelo tom da narrativa é possível perceber a aceitação do ocorrido. Não existe reclamação em relação às intempéries vividas. Soa resignação e necessidade de continuar a caminhada.

Noemi Jaffe, em seu livro “O que os cegos estão sonhando” comenta o fato de sua própria mãe, que sobreviveu a Auschwitz, quando carrega uma pedra mais pesada que ela própria e por horas. Busca o sentido de sua mãe aguentar tanta dor e não utilizar deste fato como objeto de vitimização, mas de aceitação de um fato, se assim pode-se dizer: Cabe dizer que existe uma ordem que vai além dos desejos, mas que está predestinada a cada um e desta ordem não há como escaparmos?

“Tudo foi feito de propósito com um propósito. As crianças costumam dizer, ao serem descobertas, que não fizeram de propósito, que foi sem querer. No universo, então, nada é sem querer. Não se desculpam os descuidados, os desajeitados, os esquecidos, os acidentes. Qual o seu propósito? O universo tem uma finalidade; quem carrega a pedra reconhece-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo. Por que ela carregou a pedra? Não se sabe nem jamais se saberá. Mas, segundo o estoicismo, deve haver um propósito.”²⁰

²⁰NOEMI, Jaffe - O que os cegos estão sonhando: com o diário de Lili Jaffe. São Paulo: Editora 34, 2021. p.142.

Será este o mesmo sentimento das mulheres em relação às suas vidas dentro destes núcleos familiares? Devem sobreviver a qualquer custo? A guerra não é externa e sim interna.

Esta mulher realiza os serviços domésticos e vive sua rotina sem se queixar. Ser submissa sem aparentes queixas leva a um padrão que parece ser de “heroísmo”, já que calada, aguenta tudo, mas, como uma panela de pressão, o conflito interno existe, e em algum momento pode (e deve) explodir.

Ah, coitada daquela que morre sem perceber a prisão em que viveu!

CAFÉ SANTO

<https://www.youtube.com/watch?v=Rqhx7pFIDgM>

Fonte: Acervo pessoal da autora



PARTE III - A MANUTENÇÃO DA CULTURA VIVA - A COALHADA COMO MENIR

“somos compostos de linhas (...) ou melhor, feixes de linhas” (2004: 223). Existem linhas de vida, linhas de escrita, linhas produtivas de variação em linhas de vida ou escrita, linhas de sorte e azar e assim por diante”²¹

Percebo a cultura árabe tão viva dentro de mim sob dois aspectos, um pelo alimento e pelo alimentar que se traduz no fazer e na partilha.

O outro, pelos costumes arraigados dentro de mim e da família, transmitidos pelos mais velhos, e transformados pelos mais novos.

Durante minha vida, desde a infância, de todos os alimentos que apreciei desde o feitiço até a degustação, o que mais me impressionava e hoje carrego comigo é a coalhada e sua história de resistência durante gerações por meio do “*Raubi*”, a alma da coalhada, o coalho, a “muda”, o elemento principal que dá vida à nova coalhada e que, em nossa família perdura há mais de 1 século.

²¹INGOLD, Tim - Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015. p.40.

Uma *fina linha de vida* que representa a manutenção da tradição, atravessando gerações e que atravessam, tempos, modos de viver, de ser, de estar no mundo.

O leite que vai para a panela, a “muda” que se mistura ao leite, o leite que se transforma em coalhada; desta coalhada que se extrai nova muda ...infindas vezes...

Gosto de pensar na imagem trazida por Deleuze e Guattari²², a metáfora de um rio que flui ao longo das margens de ambos os lados. Interseccionado à ele várias pontes que o atravessam, e ligam pontos diversos, uns aos outros. O rio simplesmente flui.

Começa no início de tudo, quando a primeira mão constituiu este alimento, e tem fim, que talvez não possamos vê-lo, mas que que pode cessar a qualquer momento.

Transborda nas margens e ora ganha velocidade, ora atenua um pouco, mas não cede às mudanças do tempo.

²²DELEUZE, G. & GUATTARI, F. A Thousand Plateaus: capitalism and Schizophrenia. Londres: Continuum 2004. p 40

No caso *a coalhada é o rio*, e por convenções e quase que por um contrato familiar, ela é incorporada como uma missão, que não deve se extinguir, acontecendo por meio de um pacto entre tias, avós, irmãs, primas, etc de nunca cederem ao tempo e contratempo neste fazer. Ao doarem o “Raubi” umas às outras quando necessitam, quando deixam que ele morra, sim, porque muitas vezes nos descuidamos e ele morre, este movimento de doação a une, e, dessa forma o rio flui sem interferência. Quase como um acordo tácito, esta mesma coalhada é feita como sempre foi feita, sem possíveis adaptações contemporâneas. Bergson é incrível quando narra tão poeticamente este movimento de vida ao citar que não devemos comparar um organismo vivo a um objeto, pois o organismo que vive, e, no caso, o “raubi é este organismo, é algo que *dura e, pode-se dizer, que até mesmo se perpetua pelas mão das outras*. Este alimento é como uma raiz ou fibra que cresce, cria-se indefinidamente a si mesmo, arrastando a história atrás de si conforme o passado pressiona o presente.²³

²³DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *A Thousand Plateaus: capitalism and Schizophrenia*. Londres: Continuum 2004. p.40

“Bergson insistiu que a vida não está contida nas coisas. É o próprio movimento no qual cada organismo emerge como uma perturbação peculiar, que interrompe o fluxo linear, vinculando-o às formas que vemos. Tão bem ele finge imobilidade, no entanto, que somos facilmente enganados, tratando cada um “como uma coisa em vez de como um progresso, esquecendo que a permanência mesma da sua forma é apenas o contorno de um movimento”.²⁴

As *pontes* são nomeadas por Deleuze e Guattari como linhas de fuga. Enquanto o rio nos leva de um ponto ao outro, onde conseguimos enxergar o ponto de partida mas não, necessariamente o ponto de chegada, a ponte que atravessa o rio é intransitiva. Ela se dá por ela mesma, acontece querendo ou não, é o presente borbulhante, vivo, com suas certezas e incertezas. Celebrado pela rotina e pelas muitas surpresas. É a vida vivida recheada de passado, presente e futuro. A ponte simplesmente é. Ela existe quer queiramos ou não.

²⁴DELEUZE, G. & GUATTARI, F. A Thousand Plateaus: capitalism and Schizophrenia. Londres: Continuum 2004. p.40

“Nesta distinção entre o conector linear que atravessa de ponta a ponta, e a linha de fuga que percorre, afastando-se em pontos em ambos os lados enquanto varre (...) O conector de ponto a ponto é transitivo: ele nos leva de um ponto de partida, tal como uma imagem do que deve ser feito, a um ponto-final, na forma do objeto completado, ou vice-e-versa, do objeto pronto a uma imagem final na mente do espectador pou do consumidor. A linha de fuga, pelo contrário, é intransitiva: ela continua. (...) Com efeito, temos nos concentrado nas margens, enquanto perdemos de vista o rio. Ainda assim, não fosse o fluxo do rio não haveria margens, e nenhuma relação entre elas. Para recuperar o rio, precisamos mudar nossa perspectiva da relação transversal entre objetos e imagens para as trajetórias longitudinais de materiais e de conscientização.”²⁵

²⁵INGOLD, Tim - Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015. p 41, 42.

Atravessadas pelos contextos, delineiam modos de vida e de pensar, riscados pelo rio que flui independente.

Resta saber se queremos estar nelas, com elas, acima ou abaixo delas.

O rio é a metáfora de uma matéria orgânica produzida por mãos humanas, e que se mantém por absoluta vontade e resistência dessas mãos. Ele é recortado sim pelas diferentes gerações, mas não cessa, a menos que as mãos cessem. Ter a consciência da necessidade de se manter viva e fluida esta linha/rio requer esforço e vontade que corre de geração a geração.

Rio e ponte se entrelaçam o tempo todo; tudo o que existe, lançado na corrente do tempo, tem uma trajetória de *devir* e o entrelaçamento dessas trajetórias compreendem a textura do mundo.

Contam uma história!

A história do rio.

A história das pontes.

A história do rio de leite que corta gerações e das gerações que nadam sobre o rio de leite.



Figura 21: Foto de família. Fonte: Acervo pessoal da autora

Nossa ancestralidade se reverbera nos caminhos que traçamos e na forma como riscamos os chãos pelos quais passamos?

Respondo sim...

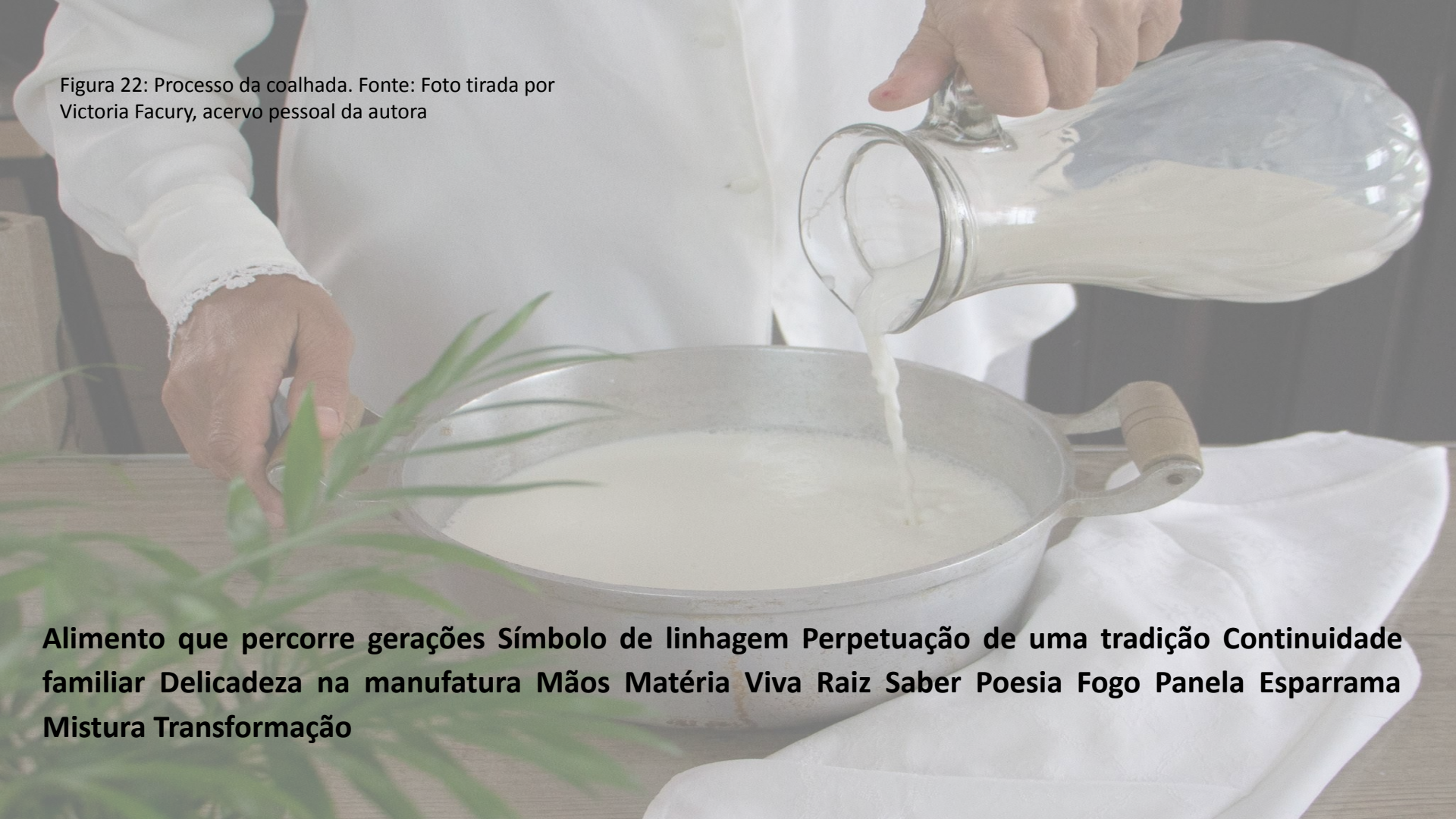
Durante os anos, minhas tias foram embora e vi minha mãe preocupada em relação à coalhada. Parece uma bobagem dizer assim, mas eu entendia sua angústia porque no final estávamos eu e ela na manutenção do menir.

Antes de minha mãe partir, já contava esta história para alguns amigos, que quiseram dar continuidade ao processo de não deixar esta “muda” (Raubi) morrer.

Com a ida de minha mãe, me senti mais tensa em relação a isso. Convidei mais amigos para esta empreitada!

E sim, risco o chão com minha ancestralidade, conto sua história, convido pessoas para que conheçam minha história e para que dela participem.

Figura 22: Processo da coalhada. Fonte: Foto tirada por Victoria Facury, acervo pessoal da autora



Alimento que percorre gerações Símbolo de linhagem Perpetuação de uma tradição Continuidade familiar Delicadeza na manufatura Mãos Matéria Viva Raiz Saber Poesia Fogo Panela Esparrama Mistura Transformação

O MENIR

Francesco Careri nos apresenta o conceito de “menir”²⁶: surgiu pela primeira vez no período neolítico, sinônimo de “pedra grande”(em sânscrito), indica lugar de pouso, ponto de referência.

Quando estamos, o menir marca um lugar, quando sentimos, o menir marca uma experiência. Segundo Careri nós mesmos podemos ser menires em nossas caminhadas, podemos ser afetados de tal forma por “coisa” ou uma “memória”, que se tornam símbolos de momentos, transformando-se em menires. São os “marcos” que colecionamos em nossa vida, seja pelo lugar que passamos, pelo momento que vivemos, pelas nossas histórias. Nos reconhecemos pelos nossos menires.

Menir é o ponto de pausa e ponto de apoio.

Sendo assim, seguindo minha jornada pessoal, a coalhada se torna meu menir.

²⁶CARERI, Francisco - WALKSCAPES - O caminhar como prática estética. São Paulo: Ed. G. Gili, 2013. p. 52.

Figura 23: Receita de coalhada. Fonte: Acervo pessoal da autora.

اللبان

COALHADAS

رَوبِي

Raubi: É um pouco de coalhada anterior guardada na geladeira. Quanto mais fresca, mais doce será a coalhada.

لبن زبادي

COALHADA FRESCA

Ferve-se um litro de leite e deixa-se esfriar até que fique morno.

Em seguida, dissolve-se de duas a três colheres (das de sopa) de fermento próprio para coalhada (raubi) e despeja-se no leite, mexendo-se sempre no mesmo sentido.

Cobre-se com uma tampa enrolada num guardanapo. Agasalha-se com um pano de lã.

Deixa-se repousar durante horas, tendo-se o cuidado de evitar qualquer movimento. Depois de coalhado, leva-se à geladeira.

Se puzer 4 colheres bem cheias de raubi levará apenas 3 horas para coalhar.

N.B. — Se fizer calor, faz-se a coalhada com o leite mais frio, e ao contrário, se estiver fazendo frio.

FEITIO DA COALHADA

<https://www.youtube.com/watch?v=XWEiYRkCLqg>

Fonte: Acervo pessoal da autora



Acredita-se que ela seja o primeiro alimento transformado do mundo. Uma vez que para se fazer a coalhada é necessário que haja a fermentação do leite.

Calcula-se que ela tenha nascido em 9.000 a. C na mesopotâmia e que foi feito inicialmente com leite cabra e de ovelhas que eram criadas pela população local. Para que se desse origem à coalhada, o leite era deixado em repouso em uma espécie de coador, onde ele se coagulava. E depois de seco ele era consumido. Surgia assim a coalhada.

Por conta da facilidade de transporte ela se tornou um alimento muito popular e consumido entre comunidades itinerantes. Na época ele foi considerado o alimento dos deuses.

Será que ao longo da vida, as mulheres da família pensaram sobre qual o significado deste alimento que percorre até hoje gerações? Será que perceberam ou percebem o saber que envolve este fazer? A poesia que está no fogo, na panela, no leite aferventado e muitas e muitas vezes derramado, o tecido que envolve a panela, as mãos que cuidam deste fazer, a pessoa dona desta mão, a pessoa que será nutrida com este alimento?

Hoje eu penso...

A coalhada deixa de ser mero *material orgânico* mas expõe sua *materialidade* quando é apresentada na narrativa como protagonista. Tim Gold explica a diferença entre material e materialidade utilizando como matéria a *pedra*:

“Considerada um componente do mundo material, uma pedra é, na verdade, tanto um amontoado de matéria que pode ser analisado pelas suas propriedades físicas quanto um objeto cuja significância é extraída de sua incorporação no contexto das questões humanas. O conceito de materialidade, como vimos, reproduz essa dualidade, ao invés de contestá-la, mas no mundo dos materiais, os humanos figuram tanto no contexto das pedras quanto as pedras no contexto dos humanos. E esses contextos, longe de mentirem sobre os níveis díspares de existência, respectivamente social e natural, são estabelecidos como regiões sobrepostas do mesmo mundo. Não é como se este mundo fosse um mundo de fisicalidade bruta, de mera matéria, até que as pessoas aparecessem em cena para conferir-lhe forma e significado. As pedras também têm histórias, forjadas nas contínuas relações com o entorno que podem ou não incluir seres humanos e muitas outras coisas. Está muito bem situar as pedras dentro do contexto da vida e da história social humana, mas dentro de que contexto situamos essa vida e história social senão no mundo de materiais em constante desdobramento ao qual o próprio ser dos humanos, juntamente com aquele dos não humanos que encontram, está vinculado?

Meu argumento, ao defender um retorno a este mundo, é simplesmente o de que devemos, mais uma vez, levar os materiais a sério, pois é a partir deles que tudo é feito.”²⁷

A matéria está implícita no elemento leite, que passa por transformação química ao ser aquecido, misturado, guardado em alta temperatura, segue o descanso por horas, até que fermente e se transforme.

Esta matéria está intimamente ligada à materialidade do elemento. Elemento este que é subjetivo quanto ao seu significado de se manter vivo e perpetuar uma tradição’. Este elemento dá visibilidade à história de uma família, ao pensamento aqui constituído de relação entre tradição e rompimento e de percepção de possibilidades que envolvem a própria matéria e as pessoas que lhe dão forma.

²⁷INGOLD, Tim - Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 67.

PARTE IV - GERAÇÕES

Antes de falar sobre as mulheres de minha família trago aqui um olhar sobre a cultura matrística, diferente de cultura patriarcal.

Segundo Humberto Maturana a cultura Matrística é observada entre sete e cinco mil anos antes de Cristo quando homens e mulheres eram agricultores e coletores. Não existia diferença entre ser homem ou ser mulher. As pessoas simplesmente existiam, sem diferenciações hierárquicas.

Os campos de cultivo e de coleta não eram armados, não estabeleciam diferenças hierárquicas entre os túmulos dos homens e das mulheres ou entre os túmulos dos homens, ou entre os túmulos das mulheres.

As funções dentro dos campos de cultivo e coleta não eram divididas para mulheres ou para homens. Todas as pessoas se vestiam de forma parecida, viviam imbuídas do dinamismo harmônico da natureza, evocado e venerado sob a forma de uma divindade, usavam as fases da Lua, a metamorfose dos insetos e as diferentes peculiaridades da vida das plantas e animais com intuito de evocar harmonia.

As figuras que predominavam nas cerimônias místicas eram femininas, e centradas no sagrado da vida cotidiana, num mundo penetrado pela harmonia da contínua transformação da natureza por meio da morte e do nascimento, abstraída como uma deusa biológica em forma de mulher, ou combinação de mulher e homem, ou de mulher e animal.

“Na ausência da dinâmica emocional da apropriação, esses povos não podem ter vivido na competição, pois as pessoas não eram elementos centrais de sua existência. Ademais, uma vez que sob a evocação da deusa-mãe os seres humanos eram, como todas as criaturas, expressões de sua presença - e, portanto iguais, nenhum melhor do que o outro apesar de suas diferenças -, não podem ter vivido em ações que excluísse sistematicamente algumas pessoas do bem-estar vindo da harmonia do mundo natural.”

28

O que eu considero mais incrível neste tipo de convivência é que, ainda segundo Maturana, o tipo de vida das pessoas deste tempo muito provavelmente era centrado na “estética sensual das tarefas diárias”. As pessoas trabalhavam para sua subsistência, mas dedicavam tempo para cultivar a contemplação da vida, vivendo com calma, sem urgência. Não coexistia neste modo de vida a competição. As relações aconteciam de forma harmônica, focadas na abstração sistêmica do viver em que a verdade absoluta não existia, nem mesmo o controle ou concessões por meio de poderes autoritários produzindo a autonegação da obediência.

“Tudo era visível ante o olhar inocente e espontâneo daqueles que vivem, como algo constante e natural, na contínua dinâmica de transformação dos ciclos de nascimento e morte.”²⁹

A forma de pensamento controlador e de apropriação é característica inerente ao pensamento patriarcal. Este pensamento é autocentrado já que busca um resultado particular sem observar as interações básicas de existência.

²⁹ MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Verden - Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Pallas Atenas, 2004.p.41

A cultura patriarcal se mantém, em um modo fechado de conversações que se caracteriza pelo controle de ações e emoções e que cria uma rede quase que intransponível de servidão. Ela valoriza a guerra, a competição, a luta, a hierarquia, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade. Estamos tão acostumadas a esse meio que nem nos damos conta do quanto estamos amarradas neste ciclo que não deveria nos dizer respeito.

Mas assim é.

O pensamento matrístico, ao contrário, ocorre num contexto de consciência de interligação de toda a existência, sem empoderar ou rebaixar ninguém.

Em que momento a sociedade se transforma e a forma de convivência muda completamente?

Maturana considera a linguagem um importante componente dessa mudança.

“...uma cultura é uma rede fechada de conversações. Afirmamos também que as mudanças culturais acontecem como modificações das conversações nas redes coloquiais em que vivem as comunidades que se modificam. Tais mudanças comunitárias surgem, sustentam-se e se mantêm mediante alterações no emocional

dos membros da comunidade, a qual também se modifica. Disso tudo, concluímos que o patriarcado surgiu exatamente assim: como uma alteração na configuração do emocional que constitui o fundamento racional da cultura matrística pré-existente. Daí resultou uma mudança no modo de pensar, degustar, ouvir, ver, temer, desejar, relacionar-se (...) em suma, nos valores mantidos geração após geração.”³⁰

Conforme a linguagem se desenvolve e se expande, ela passa a ser predominante nas relações como modo de conviver. Esta linguagem está intimamente ligada ao emocional, o que se traduz por conduzir sua própria vontade ao interagir e afetar o outro. O entrelaçamento destes dois componentes traça a linha do devir de nossos ancestrais até os dias de hoje e continuará traçando para sempre.

É preciso revisitar a história e perceber como a trajetória é revelada através das conversações que surgem das modificações no emocional e como as circunstâncias dão origem a novos *emocionares*. A linguagem nos define como seres humanos e todos os nossos afazeres, sejam eles quais forem, são resultados do entrelaçamento entre emocional e linguajar.

³⁰MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Verden - Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Pallas Atenas, 2004. p.12/13

“Um dos maiores erros que cometemos - tanto os cientistas quanto os filósofos - é usar as consequências de um processo como argumento para explicar ou justificar sua origem. Ao fazer isso, falamos como se o futuro fosse a causa do passado ou do presente. Os processos históricos não acontecem dessa forma; neles o futuro é um resultado, e este não surge porque seja necessário, vantajoso ou benéfico. Assim a diversificação dos seres vivos na história da biosfera resulta da observação de tantos modos diferentes de viver quanto os que se conservaram espontaneamente geração após geração, simplesmente porque assim ocorreu”³¹

A configuração do emocional define a história vivida nos diferentes lugares. Esta configuração, por sua vez, determina como será o tipo de conversação que coordena emoções e, conseqüentemente, ações, constituindo culturas e seus modos de convivência. A história de nós humanos é a conservação destes diferentes modos de viver, que passa de pai para filho, indefinidamente. Cada cultura com sua história, sua linguagem, sua emoção, constitui sua história própria e busca mantê-la a ferro e fogo segundo seus interesses. É uma mesma espécie organizada de diferentes maneiras, constituindo diferentes culturas, gerando esse modo de conviver no devir da humanidade.

³¹MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Verden - Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Pallas Atenas, 2004. p. 13

O desenvolvimento da cultura patriarcal

Em algum momento, que eu particularmente considero bastante triste da história, a cultura matrística foi substituída pela patriarcal.

Segundo Maturana, a arqueologia mostra que a cultura pré-patriarcal europeia foi brutalmente destruída por povos pastores patriarcais, os indo-europeus, que viveram no leste há cerca de sete ou seis mil anos. O patriarcado foi trazido à Europa por povos invasores, cujos ancestrais haviam-se tornado patriarcais no curso de sua história de mudanças culturais em alguma parte do globo terrestre, de maneira independente das culturas matrísticas européias.

Para que se produza uma transformação de cultura, deve-se mudar o emocional fundamental que constitui os domínios de ações da rede de conversações que forma a cultura em transição. Depois de surgir como um traço ocasional, no modo de vida das comunidades ancestrais, esse emocional passa a se manter geração a geração, como um simples resultado da aprendizagem espontânea das crianças da comunidade, que crescem sobre essa nova perspectiva, trazendo a transformação dos emocionares: apropriação, inimizade, hierarquias, controle, autoridade, obediência, vitória e derrota; tudo isso constituinte da cultura patriarcal.

Maturana conta a história do pastoreio e dos lobos para exemplificar como ocorreu a mudança de uma relação matrística para a patriarcal. Ele conta que, inconscientemente, o homem que trabalhava no pastoreio matava lobos como fonte de seu próprio alimento, matança essa feita de forma ritualística; em algum momento da história passou a matar os lobos que atacavam suas manadas para se alimentarem e sobreviverem, como forma de preservação de seus bens (no caso os animais que constituem a manada). Neste caso, a vida do animal não é tirada para que outra possa prosseguir, e sim ela é suprimida em favor da conservação de uma propriedade. Note-se que na ação da caça, o animal é um amigo, na ação de matar em defesa da propriedade, o animal é um inimigo.

Este processo foi-se conservando geração a geração como forma de vida cotidiana de algumas famílias. Produziu-se, entrelaçada com essa prática, uma mudança básica no emocionar nos membros destas famílias e com isso, surgiu um modo de viver na proteção da manada que incluía a apropriação e a defesa daquilo que havia sido apropriado.

Assim, enquanto se começou a perseguir os lobos para impedir-lhes o acesso à alimentação habitual, surgiu a insegurança, a perda de confiança trazida pela contínua atenção aos comportamentos de proteção das manadas diante dos lobos, já excluídos como comensais naturais.

Um novo afeto emerge: a inimizade (homem X lobo) e com isso o **inimigo**; os instrumentos de caça se transformaram em armas: a relação entre o animal e o homem se transformou. Assim que as conversações de inimizade e apropriação foram aprendidas na vida pastoril, elas puderam ser vividas em outros domínios da existência. Quando esta mudança começa a ser conservada transgeracionalmente, na rede de conversações que definem essa comunidade em questão, ocorre uma **mudança cultural**.

O patriarcado como modo de vida não é uma característica do ser homem. É uma cultura, e, portanto, um modo de viver totalmente compartilhado por ambos os sexos. Homens e mulheres tornam-se patriarcais e firma-se este novo modo de se viver: um manda o outro obedece.

“A perda do respeito por si mesmo e pelo outro, envolvida em tais ações, destrói a identidade social e a dignidade individual de um ser humano como aspectos de sua dinâmica biológica. Surge assim uma desolação, que só se pode curar por meio da recuperação do respeito por si mesmo e pelo outro, na mesma ou em outra comunidade humana. A destruição do autorrespeito por meio do abuso corporal resulta na aceitação de uma situação de subordinação por parte de quem é abusado. Contudo, para que ocorra a aceitação da subordinação como relação legítima, tanto pelo abusador quanto pela vítima, ambos devem viver no espaço psíquico da apropriação.

.... aquilo que as mulheres aceitaram como condição legítima de convivência - a dominação e o abuso por parte do homem como patriarca - e que passou a ser a principal fonte de servidão e escravidão em nossa cultura é uma consequência da expansão do espaço psíquico do patriarcado, por meio da apropriação das mulheres patriarcais e não patriarcais na guerra, e sua subordinação mediante a sexualidade e o trabalho forçados.”³²

Dentro deste contexto a mulher passou a ser infantilizada e tratada como propriedade.

³² MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Verden - Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Pallas Atenas, 2004. p. 22

“São mantidas como *um jardim sem cultivo(...)*”³³

³³ ESTÉS, Clarissa Pinkola - Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p.17

“Esta mulher que aparenta desinteresse e tranquilidade mas, tem consigo sempre uma réstia de luz, sua alma esfaimada dá um salto, persegue a forma de vida mais próxima, alegra-se, dá coices, avança loucamente, dança como uma boba, fica exausta e depois tenta se esgueirar de volta à cela sombria antes que alguém perceba sua ausência”³⁴

³⁴ESTÉS, Clarissa Pinkola - Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.p.273, 274

Ela se vê impedida de viver sua vida criativa, interrompendo um fluxo natural o que provoca amortecimento, lentidão, cegueira, esquecimento; esta mulher rasteja aos pés da vida e talvez nem mesmo perceba que está há um tempo em que é necessário dar um golpe e sair correndo.

Como voltar a nos enxergar? É aí que entra o papel da novas gerações que chegam cansadas de viver este empobrecimento, esvaziamento de vida, e transpõe caminhos na crença de ser.

Ser bem mais do que está aí posto pela sociedade.

Ser pessoa que tem sua arte de viver, com ideias e ideais, e que levam à sério essa capacidade. Cada vez mais a mulher vai em busca de sua própria identidade, com sua força integradora e destemida, para compor o mundo com suas ideias e obras engenhosas e belas e que emanam de almas selvagens. Loucas para desbravarem por aí.

“Em virtude de grandes quebras de continuidade nas linhas de auxílio matrilineares pelas gerações afora, esse tema de valorização de nossa vida criativa - ou seja, a valorização das ideias e obras engenhosas e belas que emanam da alma selvagem - tornou-se questão permanente para as mulheres.”³⁵

Pinkola Estes conta a história de “Vaselisa”, antigo conto Russo, em que a menina ganha de sua mãe quando em seu leito de morte, uma pequena boneca que irá protegê-la de todos os males. Vaselisa passa por algumas intempéries e é esta boneca quem a resguarda. Vasalisa é uma história de transmissão de benção do poder da intuição das mulheres de mãe para filha de uma geração para outra e mostra o quão remoto é a ideia das mulheres se resguardarem mantendo suas histórias vivas!

“Era uma vez uma jovem mãe que estava morrendo. Sua filhinha e seu marido estavam sentados aos pés de sua cama. A mãe, moribunda, chamou Vasalisa e deu-lhe uma boneca: “Esta boneca é para você meu amor!” E tirou a boneca minúscula, que, como a própria Vaselisa, usava botas vermelhas, avental branco, saia preta e colete bordado com linha colorida.

³⁵ESTÉS, Clarissa Pinkola - Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p. 85

“Estas são minhas últimas palavras”, disse a mãe – “Se você se perder ou precisar de ajuda, pergunte à boneca o que fazer. Você receberá ajuda. Não fale a ninguém sobre ela. Dê-lhe de comer quando estiver com fome. Esta é minha promessa de mãe para você. Minhas bênçãos, querida”³⁶

O que nós mulheres podemos deixar como legado às nossas filhas (e aqui uso somente o sujeito feminino já que estamos falando delas), além de nossa sabedoria, nossas certezas, nossas descobertas e, além de tudo, mostrar caminhos que podem ser melhores que os nossos próprios?

Qual não é nossa obrigação, uma vez percebida a armadilha, de mostrar que ela existe, e que podemos sair dela, se quisermos.

E qual não é nossa missão fazer com que nossas origens sejam firmadas ou mantidas, ou pelo menos lembradas pelos nossos sucessores!

“Deixe pegadas fundas porque você pode fazer isso. Seja a velha na cadeira de balanço que embala uma ideia até que ela volte a remoçar.”³⁷

³⁶ ESTÉS, Clarissa Pinkola - Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem; Rio de Janeiro: Rocco, 2014.p.92

³⁷ESTÉS, Clarissa Pinkola - Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem; Rio de Janeiro: Rocco, 2014.p.513

Manter a história viva através da cultura da coalhada não significa somente a manutenção da tradição, mas a manutenção da força de gerações de mulheres, que por mais desafios que enfrentam no dia a dia, têm sua marca. E se fazem lembradas por esta marca a cada vez que o leite vai para a panela e se transforma. Ou a cada vez que alguém é presenteado pela “muda” deste alimento, e que provoca a manutenção da vida de todas estas mulheres, mesmo que em lembrança.

Não importa o quanto somos transformadas em nossos cotidianos, atravessados pelos fatos contemporâneos, pelas novas visões, pelas novas formas de ser e viver. O que importa é nos reconhecermos como detentoras de saberes que não devemos deixar cair no esquecimento, independente de como vivemos na sociedade atual. Isso é guardar a memória, ter em lembrança, honrar um passado de mulheres que de alguma forma sobreviveram.

Tudo isso resvala em mim como pessoa e mãe, procurando perceber os outros com suas genéticas ancestrais, respeitando-as profundamente e no olhar para a geração seguinte, no caso, minhas filhas, com todo seu saber colecionado em suas genéticas, somado ao que são nesta sociedade moderna.

Elas trazem as mudanças de paradigmas, percebem o reflexo do patriarcado em suas vidas através das vidas da mãe, avós, tias, bisavós e assim por diante. Mais do que isso, percebem o quanto também são patriarcais!

São afetadas por outros emocionares, que surgem na contemporaneidade, no cotidiano de cada uma e tentam combater o bom combate, que é se desvencilhar das antigas amarras. Se afirmam em sua força feminina, passam a ser donas de si sem precisar se esconder, se apropriam de seus talentos e param de esconder sua força intelectual, sensível e física.

Mas ainda existe um longo caminho, pois esta mudança vem aos poucos. Desatar este nó não é tão simples. Parte da reflexão constante e da atenção à própria vida.

É esta transformação que possibilita as circunstâncias de vida nas quais acontece alteração de trabalho, situação econômica ou vida mística.

“Para nós é às vezes difícil perceber quando estamos perdendo os nossos instintos, pois com frequência trata-se de um processo insidioso que não se completa num único dia, mas que se estende por um longo período. Da mesma forma, a perda ou amortecimento do instinto é muitas vezes apoiada pelo ambiente cultural, e ocasionalmente até por outras mulheres que suportam a perda do instinto como um meio de corroborar o fato de pertencerem a uma cultura que não mantém um habitat propício à mulher natural.

A dependência começa quando a mulher perde sua vida feita à mão e cheia de significado e passa a ter uma fixação em resgatar de qualquer forma qualquer coisa que lembre essa vida.”³⁷

É interessante pensar como Maturana conta a história do homem em relação ao lobo como exemplo de mudança do emocional: *“Notemos – quase uma reflexão à parte – que nos mitos patriarcais o lobo é o grande inimigo. Fala-se do lobo como cruel e sanguinário, mas ele não o é. Em sua vida silvestre, esse animal não ataca o ser humano. O que ele procura são os animais que sempre lhe serviram de alimento, os quais são protegidos pelos humanos em seu pastoreio. É no aparecimento do patriarcado que o lobo surge como inimigo, num processo associado à perda de confiança no mundo natural que ele reforça”*³⁸, enquanto Clarissa utiliza a metáfora da mulher como uma loba – **a mulher-lobo** -, animal não domesticável, no resgate da ancestralidade da mulher. Em toda sua narrativa, Clarissa expõe como a intuição e criatividade foram sendo soterradas pela racionalidade e cerceadas pelo patriarcado, que delimita os espaços, falas, pensamentos e lugares que podem ser ocupados e, enfim, a necessidade da mulher recuperar seus espaços. Olhar para a mulher-lobo é recuperar tudo isso.

³⁷ ESTÉS, Clarissa Pinkola - Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem; Rio de Janeiro: Rocco, 2014.p.286

³⁸ MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Verden - Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia; São Paulo: Pallas Atenas, 2004.p. 58

Ambos utilizam o lobo como metáfora para designar qualidades a fins das mulheres e como elas se perdem quando a figura do lobo é transformada.

A mulher tem buscado sua voz. Nos dias de hoje a luta se dá para que a mulher-lobo venha à tona e resista, seja valorizada, olhada.

Habitamos um mundo em constante e complexa mudança. Existe uma força maior que luta contra o estagnado. Nada mais é totalmente verdade; tudo muda. A terra gira cada vez mais rápido.

São mudanças de paradigmas que transformam maneiras de pensar.

E é neste giro que a mulher sai da toca, se veste de lobo e vai ao ataque!



HERANÇAS

Figura 24: Fotos de família. Fonte: Acervo pessoal da autora



Com o tempo percebi que colaboração não quer dizer obediência; ela ocorre na realização de um desejo espontâneo a partir de comportamentos coerentes entre dois ou mais seres vivos. Esta ação decorre do prazer de se fazer ou estar junto. Na colaboração não há divisão de trabalho.

A emoção implícita na divisão do trabalho é a obediência que é o retrato de nossa sociedade patriarcal. Passei a vida toda vendo as mulheres de minha família subservientes aos homens.

Eu fui criada desse mesmo modo, apesar de minha mãe ter sido considerada uma “provocadora de seus tempos”, “muito moderninha”. Palavras que meu avô usava com frequência.

E mesmo assim, fui criada dentro deste padrão, dentro desta estética, dentro desta vontade.

Vivi a obediência,

Aprendi o silêncio,

Entendi não ter voz,

Hoje em dia

Adquiri consciência

Me faço lembrar todos os dias

Preciso, senão esqueço...

que não preciso viver a cilada.

O ciclo é infinito

Se dar conta é fundamental.

Vi minhas tias e minha própria mãe dando conta da família nos momentos em que os homens, como anjos caídos e de orelhas baixas não conseguiam mais “dar conta”, se levantarem como lobas ferozes, e passarem a “dar conta”, no papel de mãe, mulher e provedora, lugar este destituído do homem macho caído.

“é a emoção, sob a qual fazemos o que fazemos como homens e mulheres, que torna ou não o afazer uma atividade associada ao gênero masculino ou feminino, segundo a separação valorativa própria de nossa cultura patriarcal, que nega a colaboração.”⁴⁰

⁴⁰MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Verden - Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia; São Paulo: Pallas Atenas, 2004. p.18/19

Sou a extensão de minha mãe que vi sofrer por querer transformar um mundo imposto a ela, mas sem muito sucesso, presa a ele com todas as tradições inerentes à cultura em que foi nascida.

Me vi replicando ações e emoções em muitos momentos e tentando me desvencilhar das teias do costume e do que é arraigado, nascido, marcado na pele e nos genes, preso pelas veias ancestrais, que formam fios condutores invisíveis.

Não reclamo sobre meus ancestrais. Nunca reclamarei.

É com eles e elas que aprendo que não devo deixar quem vem depois de mim, repetir o caminho.

Aprendo olhando para trás.

Está nas minhas avós, tias e mãe minha vontade de que permaneça nossa riqueza em forma do alimento e do alimentar.

Está nelas minha vontade de fazer com que algumas tradições que alinhavam a família por gerações e gerações não morram.

Está nelas a forma como encaro a educação de minhas filhas e está nas minhas filhas como entendo o entrelaçamento de gerações e as transformações.

Não me considero feminista atuante, no sentido estrito do conceito, em levar minha fala pelo mundo afora, como muitas mulheres fazem, ícones e de fundamental importância para este movimento. Mas me considero feminista na forma que convivo, hoje em dia, com meus pares. Está baseado em toda reflexão trazida nesta narrativa, não me deixando cair em armadilhas dos outros ou minhas próprias; coloco em alerta meu radar de perigo para a reincidência de algum fato que eu mesma vivi e não tolero ver mulheres sofrerem qualquer tipo de assédio ou intolerância.

Dói!

*“As mulheres por todo o mundo - a sua mãe, a minha, você e eu, a sua irmã, a sua amiga, as nossas filhas, todas as tribos de mulheres ainda desconhecidas - todas sonhamos com o que está perdido, com o que em seguida irá surgir do inconsciente. Todos sonhamos os mesmos sonhos no mundo inteiro. **Nunca ficamos sem o mapa.** Nunca ficamos sem poder contar uma com a outra. Nós nos unimos através dos sonhos.”⁴¹*

⁴¹ESTÉS, Clarissa Pinkola - Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p. 511

Empresto a fala de Isatou Touray, mulher preta, africana, nascida em Gâmbia e que luta pelo direito das mulheres: “ Se o feminismo é sobre autodeterminação das mulheres e para recuperar minha integridade, eu resolvi vivê-lo! Sou ativista feminista porque gostaria de ver uma transformação que dê a homens e mulheres oportunidades de auto-realização. Quero fazer parte da criação de um mundo livre de discriminação, um mundo que reconheça a diversidade para nos permitir viver em paz e harmonia uns com os outros.”⁴²

Minha luta é menor em termos de alcance. Mas acredito que em pequenas porções também podemos mudar o mundo, e é este legado que deixo para minhas filhas e para quem ler esta narrativa.

Coragem para serem as mulheres que são.

“O silêncio mantém o status quo. Eu decido falar. Eu decido me levantar.”⁴³

Isatou Touray

⁴²African feminism Forum: Isatouu Touray_ Disponível em: <http://www.africanfeministforum.com/isatou-touray/> Acessado em: 9/04/2022

⁴³ African feminism Forum: Isatouu Touray_ Disponível em: <http://www.africanfeministforum.com/isatou-touray/> Acessado em: 9/04/2022

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter - O Narrador / Os Pensadores_História das grandes ideias do mundo ocidental; São Paulo: Abril Cultural e Industrial / Vitor Civita, 1975

CARERI, Francesco - WALKSCAPES_O caminhar como prática estética; São Paulo: ed. G. Gili, 2013

COVERLEY, Merlin_A arte de caminhar: o escritor como caminhante; São Paulo: martins Fontes, 2014

ESTÉS, Clarissa Pinkola_Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem; Rio de Janeiro: Rocco, 2014

GABRIEL, Adélia Salem_Cozinha Árabe; São Paulo: Editora Árabe, 1963

INGOLD, Tim - Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição_Petrópolis/RJ: Vozes, 2015
(DELEUZE, G. & GUATTARI, F. - A Thousand Plateaus: capitalism and Schizophrenia. Londres: Continuum 2004)

LEONARDO, Villa Forte_Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019

LINSPECTOR, Clarice_Perto do coração selvagem; Rio de Janeiro: Rocco, 2019

LINSPECTOR, Clarice_A paixão segundo G.H.; Rio de Janeiro: Rocco, 2020

MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Verden - Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia_ São Paulo: Pallas Atenas, 2004

NOEMI, Jaffe_ O que os cegos estão sonhando: com o diário de Lili Jaffe; São Paulo: Editora 34, 2021

African feminism Forum: Isatouu Touray_ <http://www.africanfeministforum.com/isatou-touray/>_ ACESSO EM 9/04/2022

MULHERES-INSPIRAÇÕES:

- **Edith Derdik**

https://issuu.com/livroedithderdyk/docs/livro_edith_derdyk

https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa214559/edith-derdyk?gclid=Cj0KCQjwsdiTBhD5ARIsAlpW8ClyLjHcqtDYZf5sTiDvMeAZA7vDnwt9_a2QklUEimPEK6OoIrfq3JcaAovoEALw_wcB

- **Rosana Paulino**

<https://www.rosanapaulino.com.br/>

- **Lucia Mindlin Loeb**

<https://galeriamariliarazuk.com.br/artistas/lucia-mindlin-loeb>

- **Rosângela Rennó**

<http://www.rosangelarenno.com.br/>

- **Anna Maria Maiolino**

<https://annamariamaiolino.com/obras-amm.html>

<https://www.galerialuisastrina.com.br/artistas/anna/>

- **Leila Danziger**

https://www.secsp.org.br/online/artigo/13599_A+ARTE+DE+LEMBRAR

<https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2014/12/07/noticia-e-mais,162254/entre-rastros-e-rasuras.shtml>

<https://issuu.com/leiladanziger/docs/melancolia>

LISTA DE FIGURAS

Figura de capa : “Maktub”. Fonte: fotografia de autoria da autora

Figura 1: Relicário. Fonte: Composição da autora

Figura 2: Colar de pérolas. Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 3: Sacramentário e Oração Salve Rainha. Fonte: Fotos e Composição da autora

Figura 4: Foto de família. Fonte: Acervo pessoal da autora

Figuras 5, 6, 7, 8 e 9: “Olhares”. Fonte: Compilação de autoria da autora

Figura 10: Xícaras. Fonte: Foto de autoria da autora

Figura 11: Árvore genealógica da família Arradi. Fonte: Acervo pessoal da autora

Figuras 12 e 13: Fotos de família – meninas, moças, mulheres. Fonte: Compilação de autoria da autora

Figura 14: Casa Popular Calaf e Facury - cidade de Tabatinga / SP / 190?. Fonte: Foto do acervo pessoal da autora

Figura 15: Coalhada. Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 16: Escrita árabe da palavra Maktub. Fonte: Imagem de autoria da autora

Figuras 17, 18, 19 e 20: Ensaio fotográfico e simbólico sobre a palavra Maktub. Fonte: Fotos de Valentina Cury, acervo pessoal da autora

Figura 21: Foto de família. Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 22: Processo da coalhada. Fonte: Foto tirada por Victoria Facury, acervo pessoal da autora

Figura 23: Receita de coalhada. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 24: Fotos de família. Fonte: Acervo pessoal da autora

